

APRENDENDO A AMAR

Adeilson Salles — Batuíra

Prefácio.....	
Palavras do Médiun	
Nova frustração.....	
Recebendo amparo.....	
Inimigos invisíveis.....	
A prática do aborto.....	
A desencarnação de Helena e Eugênia	
A traição de Gerusa	
A renúncia de Abelardo	
Na palestra espírita	
A adoção	
Os Órfãos.....	
Reencontrando Helena e Eugênia	
O auxílio espiritual	
Os inimigos Desencarnados	
O socorro a Augusto	
O fim de semana.....	
Conhecendo o Centro Espírita	
Dois anos depois.....	
Dois meses depois	
Gravidez e dor.....	
A volta de Augusto.....	
A lei de ação e reação	

Prefácio

Pergunta 148 — Não é de lamentar que o materialismo seja uma consequência de estudos que deveriam, ao contrário, mostrar ao homem a superioridade da inteligência que governa o mundo? É necessário concluir que eles são perigosos? — Não é verdade que o materialismo seja uma consequência desses estudos; o homem é quem tira deles uma falsa consequência, porque ele pode abusar de tudo, mesmo das melhores coisas. O nada aliás, os amedronta mais do que o demonstram, e os espíritos fortes, são, frequentemente, mais fanfarrões que corajosos. No mais das vezes, são materialistas por não terem nada com que encher o vazio do abismo que se abre diante deles. Mostre-lhes uma âncora de salvação e a ela se agarrarão apressadamente.

"**APRENDENDO A AMAR**" não é mais um livro entre centenas de outros que são editados dentro da temática reencarnacionista, demonstrando a Lei de Causa e Efeito, quase sempre romanceados de forma até pitoresca, rebuscados, desviando a atenção do leitor para detalhes de ambientes e personagens atípicos, ligando-o emocionalmente à história e a perceber o fundo, a mensagem para refletir, assimilar e experimentar comportamento que possa melhorar seu psiquismo, a vibração interior, prevenindo ou atenuando o sofrimento, a dor, que por ventura tenha que passar pelo resgate.

1 — Allan Kardec — "**O LIVRO DOS ESPÍRITOS**" — Instituto de Difusão Espírita — 114ª edição — Abril 1998 — página 94. Em "**APRENDENDO A AMAR**", notamos claramente que o autor espiritual não se preocupou em "vestir " ou colorir seus personagens. Preocupou-se mais em nos levar a vivenciar fatos de forma direta e objetiva, deixando transparecer sutilmente a omissão que às vezes o responsável pelo jovem se deixa levar. Por outro lado, mostra o poder da fé apoiada na razão, ou seja, no conhecimento das leis que regem o relacionamento entre encarnados e desencarnados. Várias formas de crimes foram focalizadas: fazer aborto, se deixar abortar, assassinato, traição e obsessão, tudo por ter frustrada a reencarnação de um espírito, arruinando a vida de várias pessoas, precisando séculos para retomar o equilíbrio vibratório. O aborto provocado é sempre um crime, seja pelas leis humanas ou naturais. A lei do homem é falha e maioria não responde por esse crime. Todavia a lei universal, a lei de Deus, é inexorável; sofrendo as consequências dos nossos atos aprendemos a respeitar nossos semelhantes.

"**APRENDENDO A AMAR**" nos mostra o quanto é vulnerável a mente de um jovem sem uma iniciação religiosa. Pelo teor vibratório do seu pensamento negativo cria uma barreira para a influência positiva e, concomitantemente, abre-se para a influência negativa. O Espírito Batuíra nos leva a descobrir o amor e, amando intensamente, o ser valoriza a vida, dignifica a própria existência e a dos seus semelhantes, melhorando o padrão vibratório do seu psiquismo, proporcionando a serenidade da alma.

Como psicólogo já vimos em nosso consultório muitas jovens e mulheres traumatizadas, por se sentirem culpadas em virtude de terem praticado o aborto ou terem induzido alguém a fazê-lo. Sentir culpas ou querer procurar culpados não leva a nada. Precisa se conscientizar do erro, arrepender-se e procurar reparar o dano causado. Jesus nos ensinou: "Ide e não pequeis mais". Por essas e outras tantas razões, o livro **"APRENDENDO A AMAR"** é recomendado aos pais, aos educadores e em especial aos jovens. A leitura deste livro vai prevenir muitos males.

Pergunta 385 — De onde provém a mudança que se opera no caráter do indivíduo, a uma certa idade, e particularmente ao sair da adolescência? É o espírito que se modifica?

A resposta a esta pergunta é longa; citaremos apenas o último parágrafo: "... A infância tem ainda, uma outra utilidade: os espíritos não entram na vida corporal senão para se aperfeiçoar, se melhorar; a fraqueza da pouca idade os torna flexíveis, acessíveis aos conselhos da experiência e daqueles que os devem fazer progredir. É quando se pode reformar seu caráter e reprimir lhes as más inclinações; tal é o dever que Deus confiou aos pais, missão sagrada pela qual deverão responder. Por isso, a infância não é somente útil, necessária, indispensável, mais ainda ela é a consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo".

Reinaldo de Souza Moreno — Santos, janeiro/2002.

Psicólogo Clínico

PALAVRAS DO MÉDIUM

“ Muitas vezes, em nossa jornada, rogamos aos espíritos amigos a oportunidade de servir através da bênção da mediunidade. E, inesperadamente, durante as lutas da vida, um amigo espiritual se apresenta para a tarefa e acabamos por fazer a clássica pergunta, que ocorre com aqueles que ainda estão aprendendo a conhecer o amor de Deus:

— Será que sou digno desse trabalho?

Foi exatamente isso que aconteceu comigo.

Peço aos companheiros de Doutrina Espírita que recebam este primeiro livro ditado pelo benfeitor Antônio Gonçalves da Silva Batuira.

Rogo aos amigos que creditem a mim qualquer ponto obscuro do presente trabalho.

Como simples intérprete que sou, possivelmente a água que passa através desse filtro deve conter alguma impureza pela nossa condição de aprendiz. Batuira me apareceu em um dia de imenso júbilo, dizendo com seu verbo decidido e amoroso da necessidade de se levar a Doutrina Espírita aos irmãos que apreciam a leitura romanceada.

Como os leitores poderão observar, este romance apresenta de forma clara e simples a Casa Espírita e a Doutrina Espírita conforme os postulados de Kardec.

Sem perder o encanto pela história envolvente de Luísa e João Carlos, o autor espiritual vai nos enlevando com a narrativa simples e cheia de ensinamentos. Batuira deixa claro que devemos trabalhar, acima de tudo, pela divulgação das verdades libertadoras. De maneira amorosa, ele ia ditando a história e nos orientando quanto às colocações dos livros da codificação que poderiam ser colocadas no rodapé das páginas. Nos pediu que pesquisássemos e estudássemos mais, pois é possível se editar romances de maneira pedagógica com relação aos postulados de Kardec.

O pensamento do benfeitor espiritual é claro nessa proposta, quando ele pretende que o leitor saboreie um romance de tema atualíssimo e estude, sem perceber, a Doutrina Espírita. Agradecemos ao divulgador incansável, Antônio Gonçalves da Silva Batuira, e rogamos a Jesus que nos abençoe nessa tarefa.

Todos nós somos filhos de Deus, portanto merecedores das benesses que essa filiação divina nos confere.

E conforme assevera Batuira: não existe evolução sem serviço ao próximo, e educação da própria alma.

Acreditemos no amor que nosso Pai tem por nós e abracemos as oportunidades de servir, erguendo a cabeça e trabalhando sempre.”

Muita Paz!

NOVA FRUSTAÇÃO

“Ela caminhara até a praia e sentara-se no banco do jardim de frente ao mar; precisava pensar um pouco, afinal de contas, voltar para casa com mais um resultado negativo no teste de gravidez seria difícil.

Ainda ecoava em seus ouvidos as palavras do Dr. Armando:

— Foi alarme falso; a sua ansiedade está lhe atrapalhando nas tentativas de engravidar. Tenha calma e paciência que tudo vai dar certo; os exames foram todos normais; você vai conseguir e terá uma gestação tranquila, sem sobressaltos.

Aguardemos.

Luísa sentia a lágrima quente a lhe escorrer na face, num misto de angústia e decepção; seus pensamentos fervilhavam em sua mente. Não conseguia compreender por que, justamente com ela que acalentara desde a mais tenra idade o desejo de ser mãe, que via na maternidade a realização de sua vida.

Era a primeira vez que sua menstruação atrasava trinta e cinco dias e criara as melhores expectativas quanto à possibilidade da gravidez.

E agora, como dar a notícia para o esposo querido? Ele também sonhava com a abençoada oportunidade de ser pai.

Como lhe dizer que não estava grávida, depois de tantos tratamentos e medicações?

Luísa chorava agora convulsivamente sem conseguir disfarçar o desespero e a frustração que ia na alma.

Olhava para o oceano como a aguardar uma resposta, e em desespero dizia para si mesma:

— Deus não está sendo justo comigo; existem tantas crianças abandonadas pelo mundo. Quantas mães largam seus filhos pela vida, pelas ruas, e eu, que procuro ser uma pessoa digna, não consigo realizar este sonho: carregar em meu ventre uma semente materializada do amor que sinto por João Carlos. Sete anos de casada, todos os tratamentos possíveis já tentei, e nada, a resposta é sempre a mesma... "Você é uma pessoa saudável, tenha paciência; seu marido também é saudável, controle a sua ansiedade e esqueça-se do assunto; deixe que as coisas caminhem com naturalidade".

Médicos não sabem de nada; não ser mãe é como o pomar sem frutas, o pão sem o fermento, o amor sem paz.

Enquanto Luísa se desesperava, não percebia que a seu lado encontrava-se singela entidade espiritual a lhe afagar os cabelos e que tentava transmitir-lhe pensamentos de refazimento. O desespero é fator agravante para que o socorro se faça presente; o desajuste psíquico forma barreira energética negativa em nossa mente, impedindo que bons fluidos possam nos envolver, impossibilitando assim, o reequilíbrio da mente atormentada.

A singela entidade repetia frases de soerguimento moral para tentar acalmar nossa irmã em desarmonia, e elevando mais a sua vibração em prece dizia para a jovem atormentada:

— Luísa, acalma-te; minha neta querida, não existe nada que não esteja sob as leis harmoniosas do nosso Pai de amor; procura tranquilizar-te. Esse tipo de comportamento é prejudicial aos teus ideais; o que não podes compreender hoje, amanhã poderá ser encarado com entendimento das leis naturais que regem a vida.

E, com carinho, colocava sua destra sobre o córtex cerebral da jovem, irradiando ténue luz que dissipava pouco a pouco os fluidos acinzentados emitidos da mente em desequilíbrio da candidata a missão materna. Luísa suspirou profundamente e sem compreender muito bem o que acontecia, desviou sua atenção para a beleza do oceano, permitindo desta forma que as vibrações saudáveis a envolvessem. Sem saber de onde vinha aquela força, foi se acalmando e harmonizando sua tela mental.

Amílcar, espírito protetor de nossa irmã, chegava nesse instante e cumprimentando a avó zelosa, disse-lhe:

— Olá, Dolores, muita paz! Vejo que a nossa Luísa já recebeu a notícia e encontra-se emocionalmente, abalada, não é? Com inflexão carinhosa na voz, a avó da jovem candidata à maternidade, respondeu:

— Meu caro Amílcar, ela está experimentando a frustração de não poder realizar o sonho da maioria das mulheres; por agora é difícil entender o que se passa, mas chegará o momento em que compreenderá as leis divinas, principalmente a lei de ação e reação.

Envolvida pelos amigos espirituais, Luísa levantou-se e seguiu até à areia da praia; tirou as sandálias e deixou que seus pés recebessem o carinho das pequenas ondas que chegavam até a beirada. Olhou para uma criança que brincava junto à água, soluçou ruidosamente e desviou o olhar, tentando pensar em como iria dizer a João Carlos, sobre mais uma tentativa fracassada. Resolveu voltar para o seu lar. Eram dezoito e quinze quando Luísa entrou em casa; a mãe, que a aguardava com preocupação, percebeu no semblante da filha a decepção estampada, além dos olhos vermelhos, que denunciavam muitas lágrimas, e preferiu não perguntar nada sobre a consulta médica. Tentou apenas ser gentil, dizendo:

— Oi, filha! Quer um chá?

— Não mamãe, estou com dor de cabeça; vou tomar um banho e me deitar até a hora do João chegar.

— Quer que a chame, filha? Insistiu a mãe com carinho.

— Quero sim, mãe!

Lídia, humilde lidadora da causa espírita, e conhecedora das leis de causa e efeito que regem a vida na Terra, procurou silenciar e direcionar sua mente para uma prece fervorosa em benefício do lar da filha querida.

Enquanto isso, parado no trânsito da avenida Martins Fontes que àquela hora recebia um grande fluxo de veículos que vinham de São Paulo e outras cidades da região, um homem de semblante ansioso olhava para o relógio e não conseguia esconder a expectativa com a possibilidade de receber a notícia tão aguardada. Homem de ideal, advogado respeitado, sentia-se agora como uma criança sonhadora. A alegria estava transbordando do seu coração; também, pudera, sua esposa nunca havia ficado com tantos dias de atraso na sua menstruação, criando uma grande ansiedade para o resultado.

A entrada da cidade de Santos àquela hora era uma loucura, com tantos automóveis e caminhões que se dirigiam ao cais santista o trânsito fluía lentamente e João Carlos vibrava com a possibilidade de chegar logo em casa.

Não iria ter que aguentar mais aquelas perguntas chatas dos colegas de escritório e do fórum:

— Então, cadê o herdeiro? Como é possível que, depois de sete anos de casamento, você ainda não aprendeu a fazer um filho?

Faziam chacotas e gargalhavam, zombando daquela situação.

Luísa deitava-se na cama tentando reorganizar as ideias para poder conversar com o marido, e dizia para si mesma:

— Afinal, o que fazer agora diante de mais um teste negativo? Por que tenho que passar por isso?

Com esses pensamentos acabou adormecendo e passou a sonhar; o sonho era o mesmo que já tivera em outras oportunidades. Via-se rodeada de crianças que lhe pediam, entre lágrimas, para nascer. Puxavam-lhe o vestido, chorando muito e em desespero gritavam:

— Deixe-me nascer, deixe-me nascer!

Em aflição, não entendia, olhava à sua volta e via duas jovens que riam em gargalhadas dementadas, demonstrando uma profunda perturbação no olhar. Em pânico gritava e sempre acordava soluçando, com aquele quadro de horror estampado em sua mente.

João Carlos havia levado a esposa a um psicólogo, por causa dos constantes pesadelos e do nervosismo que Luísa apresentava ao acordar toda madrugada, após o mesmo sonho. O terapeuta, então, após algumas sessões, disse que os sonhos eram provenientes do estado de ansiedade que Luísa manifestava, no desejo incontido de ser mãe.

Só não explicou por que este sonho acompanhava Luísa desde sua adolescência.

Finalmente João conseguiu chegar em casa; mal disfarçava a inquietação e correu, subindo os degraus de dois em dois até o terceiro andar do pequeno edifício em que morava com a família.

Entrou, olhou para a sogra que se encontrava na sala fazendo pequena peça de tricô, e com um olhar que denunciava seu estado de profunda inquietação perguntou:

— Então, dona Lídia, como foi a consulta? Luísa está bem?

Lídia, olhando fixamente para João, disse-lhe:

— Tenha paciência, João Carlos; parece que ainda não foi desta vez que Luísa engravidou!

Tentando não demonstrar a decepção, João preferiu se dirigir ao lavabo e nervosamente lavava as mãos, procurando se acalmar; não queria influenciar a esposa com seu nervosismo, na hora em que a visse.

Neste instante, Luísa despertava chorando, depois de mais um pesadelo com aquelas crianças que insistiam em pedir para nascer, aumentando ainda mais a sua angústia.

João Carlos olhava para o rosto molhado, em frente ao espelho, e procurava reunir forças para incentivar a esposa em algo, que nem ele mesmo acreditava mais. Depois de tantos tratamentos, a que os dois foram submetidos, os resultados eram sempre os mesmos. Eles eram saudáveis e a medicina não tinha explicação para o fato de Luísa não engravidar.

Secou o rosto e dirigiu-se ao quarto para conversar com Luísa, e mais uma vez dizer-lhe que tivesse paciência.

Lídia, que acompanhava a cena já repetida em outras ocasiões, procurava mentalmente orar e pedir à espiritualidade que envolvesse em paz aquele casal, que desejava somente ter um filho.

João entrou no quarto e, sentando-se na cama ao lado da esposa, estendeu o braço e com a ponta dos dedos procurava acariciar os cabelos de Luísa que, não suportando a emoção, abraçou-o, com lágrimas abundantes a correr pela face, dizendo para ele, num misto de revolta e de desesperança:

— Acho que Deus não existe! Se existisse já teria nos abençoados com um filho; não entendo, tantas mães rebelam-se com a maternidade, tantas outras praticam aborto, e eu que tenho na maternidade meu ideal de vida, não consigo conceber um filho.

João Carlos que ouvia aquelas colocações redarguiu:

— Luísa, por que não a adoção? Adotemos uma criança que será nosso filho do coração, da qual cuidaremos com muito amor.

Ela então, desvencilhando-se do abraço e com uma atitude de grande revolta, alteando a voz, disparou:

— Sou uma mulher saudável e vou lutar até o fim para realizar esse propósito; ninguém vai me impedir de ser mãe.

E demonstrando todo seu desequilíbrio, disse:

— Se você não serve para ser o pai do meu filho, libero-lhe para uma nova vida!

João Carlos, tomado de surpresa e aparvalhado com a resposta da esposa, nada respondeu, pois percebeu que ela não tinha condições de conversar.

Existem momentos em nossa vida que o silêncio é a postura mais adequada, pois não podemos nos esquecer que a pessoa que agride é sempre um irmão enfermo necessitando compreensão. Quem prefere a agressão ao diálogo, está emocionalmente comprometido; assim, no momento em que nos defrontarmos com uma situação onde não exista possibilidade de entendimento, a melhor maneira de auxiliar é com o silêncio e apreço.”

RECEBENDO AMPARO

“João saiu do quarto e foi para a sala onde encontrou em Lídia a pessoa certa para o desabafo. Iniciou a conversa:

— Por que dona Lídia? O que a sua religião, que a senhora diz ter explicações para tudo, pode dizer a esse respeito?

E Lídia, fixando seus olhos nos olhos desesperançados do genro, lhe disse:

— João, meu filho, a revolta atrapalha qualquer ideal nobre; muitas vezes não conseguimos encontrar explicações para certos fatos, analisando somente a vida atual. É preciso tirar o véu da nossa visão limitada a uma única experiência física.

E colocando mais ternura nas palavras, prosseguia, com carinho maternal:

— Vocês não são os únicos a passar por esse problema na vida; todos os exames foram favoráveis à realização da gravidez desejada, porém nada acontece nessa vida que não esteja submetido às leis naturais de ação e reação.

Se vocês são pessoas saudáveis e em nossas famílias não se encontram casos iguais de infertilidade, ou qualquer outra patologia, devemos nos reportar a uma causa anterior a esta vida; tudo deve servir como aprendizado para a alma que estagia nesta escola chamada Terra. E continuou com acentuado carinho na voz: — Portanto, querido João, acredito que esta demora em engravidar tenha uma explicação espiritual, que você precisa compreender. Não devemos nos queixar e nem nos conformar, mas, acima de tudo, procuremos buscar entendimento das leis naturais, para respeitá-las e compreendê-las.

Enquanto falava, Lídia era amparada pelos amigos espirituais Amílcar e Dolores, que lhe inspiravam palavras de consolo e esclarecimento para o genro, que surpreendido, ouvia tudo, com muita sede de compreender os graves problemas que envolvem o espírito encarnado em aprendizado no planeta. Fazendo uma pausa e sentindo em seu psiquismo a presença de entidades amigas, prosseguiu:

— Nada acontece por acaso; você e Luísa têm compromissos assumidos com o plano espiritual e devem tentar de todas as formas reunir forças, buscar compreensão e prosseguir no seu aprendizado. E não se esqueça que Deus não castiga ninguém. Ele nos ama; Suas leis naturais não punem; antes, educam.

João Carlos, embora não acreditasse muito em outras vidas, via uma certa lógica nas colocações da sogra e depois de refletir um pouco, perguntou:

— Não pode ser simplesmente um fator emocional?

E dona Lídia pensativa, respondeu:

— João, na base de tudo está o espírito que comanda o carro físico; se existe desequilíbrio é o espírito que se encontra desequilibrado. Já sugeri a vocês que procurassem ajuda, orientação; vocês estiveram em um psicólogo e ele não pôde responder por que é que os sonhos de Luísa remontam à adolescência. Existem psicólogos espiritualistas, profissionais que avaliam o caso apresentado de uma forma holística. Porque não procurá-los?

João ouvia a tudo com atenção e perguntava para si mesmo:

— Por que não tentar?

E Lídia prosseguiu, percebendo que o genro estava cedendo ao conselho:

— Por que não a tentativa? Já os convidei para irem a casa espírita ouvirem uma palestra; são assuntos esclarecedores, experiências de fé, à luz do raciocínio e da análise equilibrada dos problemas que atingem o espírito encarnado.

— Vou conversar com Luísa! Disse o jovem aspirante à paternidade.

E demonstrando curiosidade, perguntou:

— Dona Lídia, diga-me uma coisa; essa sua religião é a mesma do Chico Xavier, a tal da mesa branca?

Com um sorriso compreensivo nos lábios, Lídia respondeu:

— João, não existe mesa branca ou mesa de cor alguma que tenha ligação com a nossa Doutrina.

— O desconhecimento da Doutrina dos Espíritos pelas pessoas é algo assustador, e muitas religiões que se dizem cristãs usam a Doutrina Espírita como a vidraça preferida, ajudando a manter as pessoas desinformadas e alimentando o preconceito daqueles que não conhecem os princípios básicos desta doutrina consoladora. A Codificação Espírita é baseada em três colunas estruturais: Ciência, Filosofia, e Religião; foi codificada por Allan Kardec e é a mesma doutrina abraçada pelo nosso irmão Chico Xavier.

E fazendo uma pausa, para melhor colocar a sua elucidação, acentuou:

— Se você tiver interesse em conhecer melhor a Doutrina dos Espíritos, a nossa casa oferece o estudo doutrinário, onde você vai poder conhecer com mais profundidade as cinco obras basilares da Codificação Espírita e tirar todas as dúvidas que sua sede espiritual lhe provocar.

INIMIGOS INVISÍVEIS

A conversa também era acompanhada por duas outras entidades que a tudo ouviam com sarcasmo e desdém; porém, esses companheiros não percebiam a presença de Amílcar e Dolores, pois esses espíritos se encontravam em uma faixa vibratória mais sutil, porque, quanto mais o espírito é elevado moralmente, menos densa e grosseira é sua vibração, ou seja, seu perispírito é mais rarefeito.

E, revoltados, comentavam entre si:

— Ela irá nos pagar; vamos persegui-la até que responda pelo crime praticado contra nós.

— E esta dona Lídia? O que faremos com ela?

— Ah! Nada que um grande envolvimento psíquico não resolva. Vamos fomentar nela pensamentos de desânimo, para que aos poucos deixe de ir à casa espírita.

Nossos irmãos desajustados encontravam-se presos às malhas do ódio e da vingança, tentando de todas as formas impedir a gravidez tão sonhada por Luísa. E continuando o diálogo infeliz comentavam:

— Vamos chamar outros amigos para começar a causar uma série de contratempos a dona Lídia; quero ver até onde ela vai com essa fé raciocinada!

E, com profundo conhecimento de como influenciar o espírito encarnado, disparou:

— À menor brecha psíquica de nervosismo, revolta, rancor ou qualquer sentimento que gere vibrações de baixa frequência, ataquemo-la com todas as energias negativas possíveis, até causar-lhe uma dor de cabeça.

Não podemos dar-lhe a menor trégua.

A voz vinha de entidade de aspecto horrendo; o seu corpo perispiritual encontrava-se disforme pela permanência constante em faixa de pensamentos menos felizes. Não podemos nos esquecer que cada um é o que pensa e nosso irmão, infelizmente, transitava nessa faixa mental. Seu nome era Augusto; seu companheiro de desdita chamava-se Abelardo.

Os dois parceiros enredados nessa trama, vincularam-se à nossa irmã através de um passado em que os três se comprometeram junto às leis divinas.

Em uma vida pretérita, Luísa, Augusto e Abelardo, eram companheiros inseparáveis. Luísa, com conhecimentos profundos sobre manipulação de ervas e rústicos conhecimentos medicinais, juntamente com esses companheiros, atendia mulheres equivocadas, que por "acidente" acabavam ficando grávidas, através de relações inconfessáveis, adultérios e tramas das mais diversas, envolvendo sexo e interesses escusos.

Ela, juntamente com os parceiros de desajuste, vendia seus serviços para as pessoas que eram surpreendidas pela gravidez indesejada. Vendiam ervas e toda sorte de drogas que pudessem provocar o aborto. Foram responsáveis pela morte de algumas crianças, nas mais variadas fases de gestação.

Em vão, amigos espirituais tentavam influenciar nossos irmãos para que abandonassem essa prática nefanda; não faltaram pessoas que serviram de instrumento para os mais variados avisos; no entanto, se fizeram surdos a todos os apelos que chegavam até eles.

Até que um dia, Luísa recebeu a visita de uma jovem, filha de família influente e abastada da cidade de Santos do século XVIII. Indicaram Luísa para o serviço hediondo. A jovem que mantinha um relacionamento às escondidas, acabara por engravidar e não tinha como esconder dos pais aquela situação, só restando a prática do aborto. Através de uma amiga, recebeu a indicação de que Luísa era pessoa discreta e competente para a solução do problema.

Luísa, reconhecendo que a adolescente vinha de família abastada, procurou valorizar o seu serviço, dizendo assim:

— Fique tranquila, que tudo vai sair bem; marcaremos para amanhã; chegue cedo, que depois de três horas, você vai voltar para sua casa e ninguém vai desconfiar de nada.

A jovem, então, respirando com um certo alívio, respondeu com esperança:

— Assim fico tranquila; quanto tenho que pagar?

Luísa, que nessa encarnação tinha o nome de Gerusa, vendo ali a oportunidade de um lucro maior, cobrou duas vezes e meia o que normalmente cobrava de outras pessoas.

Helena e sua amiga se despediram e ficaram de retomar no dia seguinte para a solução do problema. No caminho de casa, Helena dizia para Eugênia:

— Será que faço bem em abortar? E se conversasse com meus pais? Tenho medo e acredito que eles não vão aceitar, pondo-me para fora de casa; depois, meu pai vai dizer que me mandou estudar fora do Brasil.

A amiga Eugênia que ouvia apreensiva, redarguiu com receio:

— Estou tão nervosa quanto você e não sei o que lhe dizer com relação aos seus pais.”

A PRÁTICA DO ABORTO

Espíritos amigos tentavam influenciar Helena, de apenas dezesseis anos de idade.

À noite, durante o sono, amigos dedicados buscavam através do desdobramento espiritual mostrar a Helena o equívoco que estava cometendo. Em vão foram seus esforços; o espírito que estava ligado, desde a concepção, naquele feto de dois meses, implorou para ela não cometer o triste ato. Falava da oportunidade que ela estava dando-lhe pela porta da maternidade; há quantos anos esperava para poder reencarnar, e agora que havia conseguido, ela estava decidida a lhe arrancar a bênção de voltar a um corpo físico.

Justino, orientador espiritual de Helena, amorosamente amparava-a, em vibrações de bom ânimo, tentando mostrar-lhe que era melhor enfrentar a situação agora do que carregar sequelas seculares por um infanticídio covarde e abominável. Daniel era o nome do espírito reencarnante; ele havia se comprometido no mundo espiritual, juntamente com Helena, a servir e auxiliar, dedicando sua vida na fase adulta ao sacerdócio, em benefício de irmãos menos felizes na jornada terrena.

Nota do médium: No mundo, atualmente, estima-se que são praticados 40 milhões de abortos; no Brasil em cada mil mulheres grávidas, 36 praticam o aborto. Fonte Webciência.

Daniel, amparado pelos irmãos que assistiam a sua encarnação, passou por um processo de magnetização para o encontro com Helena, a fim de amenizar a perturbação que sentia, devido ao processo reencarnatório.

Nenhum viajante na romagem física está sem orientação e proteção da espiritualidade; todos nós, nos momentos mais acerbos de dúvidas e dificuldades, encontramos, na prece sentida, o socorro providencial para nossas dificuldades.

Justino e outros espíritos vinculados à nossa irmã, por laços de amor, tentaram de todas as formas orientá-la e alertá-la das consequências do aborto. Mostraram a ela a problemática que envolve o corpo espiritual, que fica energeticamente comprometido para futuras encarnações. Helena poderia vir a renascer como mulher em outra vida, mas não gozar da bênção da maternidade, por ter lesado no corpo perispírito os órgãos reprodutores. Foi alertada que o corpo espiritual é como um molde que define o corpo físico, imprimindo na carne todas as sequelas que o espírito apresenta no corpo espiritual. Levaram-na a hospitais espirituais, onde irmãzinha que desencarnaram por prática abortiva encontravam-se tratamento.

Na questão 339 e 351, respectivamente, de **O Livro dos Espíritos**, o insigne Codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, pergunta às entidades amigas:

P — O momento da encarnação é seguido de perturbação semelhante ao que se verifica na desencarnação?

R — Muito maior, e sobretudo mais longa. Na morte, o Espírito sai da escravidão; no nascimento, entra nela.

P — No intervalo da concepção ao nascimento, o Espírito goza de todas as suas faculdades?

R — Mais ou menos, segundo a fase, porque não está ainda encarnado, mas ligado ao corpo.

Desde o instante da concepção, a perturbação começa a envolver o Espírito, advertido, assim, de que chegou o momento de tomar uma nova existência; essa perturbação vai crescendo até o nascimento. Nesse intervalo, seu estado é mais ou menos o de um Espírito encarnado, durante o sono do corpo. A medida que o momento do nascimento se aproxima, suas ideias se apagam, assim como a lembrança do passado se apaga desde que entrou na vida. Mas essa lembrança lhe volta pouco a pouco à memória, no seu estado de Espírito.

Helena pôde verificar as sequelas que permanecem no perispírito, complicando assim futuras encarnações como mulher, criando obstáculos para gestações em outras vidas. Mostrando-lhe também a ligação que ela tinha com o espírito reencarnante, principalmente, pelos compromissos assumidos pelos dois e pelos projetos de mãe e filho a caminho da evolução de cada um.

Quantas vezes estamos em dúvida quanto a alguma decisão que pode afetar as nossas vidas e não paramos para refletir nas consequências de determinados atos; no entanto, a misericórdia divina procura de todas as formas nos auxiliar. É um amigo que chega com uma palavra de carinho, um parente com o alerta providencial, um sonho que serve de aviso, enfim, quantas mensagens nos chegam e nós não nos fazemos humildes para acatar a orientação.

A decisão final é sempre nossa, o livre arbítrio de cada um acaba sempre decidindo, mas raramente é o bom senso que decide, e então nos perdemos em queixas e acabamos por nos comprometer junto às leis divinas.

Helena acordou cedo e ansiosamente preparou-se para praticar um ato que repercutiria em várias encarnações futuras. Despertou com a sensação de ter sonhado; uma pessoa lhe dizia para não lhe fechar a porta de entrada na vida física. Era um apelo muito forte, a ponto de emocioná-la.

— O que será que aconteceu? Sinto-me tão estranha.

Lembrou-se de Inácio, o jovem pai que a abandonara. Assim que soube que estava grávida, ele fugiu.

Ela o procurou, mas ele pediu para que o pai o mandasse a Portugal, e no primeiro navio que partiu de Santos, estava a bordo o jovem Inácio, que também infringira as leis divinas com o seu acovardamento diante da situação.

Ignorava que, por tudo o que acontecesse com Helena e o bebê, ele também seria responsabilizado; a lei de ação e reação preside a vida de todos nós, sem exceção.

Sentada em sua cama, Helena tentava relembrar os fatos ocorridos à noite. Tentou orar utilizando o socorro da prece, buscando o reequilíbrio, ou quem sabe um auxílio de última hora. Na verdade, o pânico estava estampado na face e no coração da jovem atormentada; mas em vão orou, não conseguindo se harmonizar devido ao medo.

E Eugênia que demorava tanto a chegar; o que acontecera? Elas haviam combinado que sairiam as oito e meia de casa e já eram oito e cinquenta e nada dela aparecer.

A providência divina até o último instante procura nos auxiliar, e nós, prepotentes, sempre procuramos caminhos diferentes para nossa vida.

Enfim, Eugênia chegou, dirigindo-se logo ao quarto de Helena. Ao entrar, Eugênia a encontra nervosa e chorosa com a sua demora.

— Puxa vida, Eugênia! Você disse que chegaria cedo; estou aqui ansiosa esperando-a. Por que demorou tanto?

— Helena, são nove horas da manhã; nós marcamos para as dez horas estarmos lá com a dona Gerusa.

Desculpe-me o atraso; sei que combinei chegar as oito e meia. Não fique nervosa, procure se acalmar; quero lhe falar uma coisa.

Mas Helena, nervosa, não a deixa continuar, interrompendo-a:

— Você tem que dizer à minha mãe que nós vamos à casa da sua tia que se encontra doente, em São Vicente, e que iremos demorar um pouco por lá; entendeu, Eugênia?

— Tudo bem, Helena, deixa-me contar-lhe que tive um sonho muito ruim...

— Se for me falar do aborto, não quero ouvir!

— Por favor, Helena, você tem que me escutar!

Justino que estava ali ao lado com outros companheiros, tentava influenciar Eugênia, repetindo no halo psíquico de nossa irmã pensamentos de alerta para a jovem Helena desistir do ato insano. Eugênia insistiu e Helena, não querendo o ouvir os apelos da razão, pegou-a pelos braços e quase a empurrando, puxou-a para fora do quarto, apertando seu braço, dizendo:

— Vamos, fale com a minha mãe!

Totalmente sem jeito, Eugênia, então, começou a mentir, convencendo a mãe de Helena quanto ao local que estariam indo. A mãe de Helena assentiu e fazendo as recomendações normais, perguntou:

— Helena, você não quer que o Antônio as acompanhe?

Antônio era um empregado que praticamente fazia parte da família; ele cuidava de todos da casa e seu afeto para com Helena era o carinho de um irmão mais velho com a caçula. Ela apressou-se em dispensar a oferta da mãe, dizendo:

— Mamãe, nós não vamos demorar; fique tranquila. O Antônio está ocupado com outras coisas e nós não demoraremos.

Sorrindo, Dona Lica cedeu e despediram-se por fim.

Durante os cinquenta e cinco minutos que durou o trajeto, as duas jovens ficaram caladas, pensativas e cabisbaixas, como a pressentir o que estaria por vir.

A distância de alguns poucos quilômetros foi percorrida de charrete, até a casa de Gerusa. Chegando à casa, bateram palmas e ninguém atendia. Eugênia, então, quis falar à amiga sobre o sonho que tivera e Helena, com nervosismo e decisão, reafirmava:

— Nada vai me fazer mudar de ideia!

Insistiram nas palmas, até que um homem de cabelos desgrenhados e roupa maltrapilha apareceu para abrir o portão, o qual, com um sorriso irônico, disse-lhes:

— Entrem, Gerusa as aguarda.

As jovens entreolharam-se e vacilantes caminharam para o interior da casa. Ao passarem pelo corredor, encontraram-se com outra jovem, de aspecto cadavérico, que saía do interior de um quarto, a qual, passando pelas duas, advertiu:

— Pensem bem, é muito triste sentir-se uma pessoa vazia, depois de experimentar a vida pulsar dentro da gente.

Helena baixou os olhos e comentou:

— Triste é ser desprezada por quem amamos e correr o risco de ser posta fora do lar, por causa de uma simples gravidez.

Eugênia, mais uma vez tentou falar e foi interrompida bruscamente por Helena, que finalizou:

— Queria que você estivesse no meu lugar para ver o que faria. A psicofera ambiente era desagradável.

As vibrações deletérias eram terríveis; naquele lugar encontravam-se entidades dementadas.

Era um quadro dantesco, onde se destacava a falta de higiene; havia lençóis amarelados e instrumentos que mais pareciam ferramentas agrícolas em tamanho miniatura, mal cuidados pelas pessoas.

Justino, que não era percebido pelas entidades doentes, devido à diferença vibracional, adentrou no ambiente juntamente com Erasmo e Arlindo, outros amigos espirituais trabalhadores experientes no socorro a entidades que tinham frustrada a sua reencarnação através do aborto. Com uma equipe socorrista, eles retiravam do local alguns irmãos que estavam em pranto convulsivo diante da oportunidade perdida.

É uma perturbação psíquica dolorosa que esses espíritos experimentam, quando desligados abruptamente do feto que lhes servia de porta de reentrada para o mundo físico. Muitas dessas entidades, depois de retomarem a consciência, rebelam-se contra a companheira que lhes seria a mãe amada e insanamente passam a persegui-la, vendo nela, o móvel de sua desdita.

Justino e os socorristas tentavam envolver Helena em sensações de paz e amor, como última tentativa de despertar a jovem para a estupidez que estaria praticando.

Foi então que Gerusa, indo até as jovens, falou:

— Então, trouxeram o dinheiro?

Acostumada a lidar com aquela situação como um comércio inescrupuloso, Gerusa tornara-se uma pessoa insensível, movida apenas pelo benefício financeiro. Olhando as duas Jovens assustadas, voltou a perguntar:

— Trouxeram ou não trouxeram o dinheiro?

Helena, saindo do acobramento em que se encontrava, respondeu:

— Trouxe sim, dona Gerusa, aqui está!

O pai de Helena, um próspero exportador de café, costumava presentear-lhe com jóias, as quais ela tratou de vender o mais rápido possível a fim de conseguir o dinheiro para o aborto abominável.

Quantas moças cometem esse gesto de desespero por falta de diálogo, de uma conversa esclarecedora, de apoio.

Entregando pequena bolsa de moedas a Gerusa, Helena adquiriria naquele instante a falta de paz por muitos anos.

Gerusa pediu a elas que aguardassem na saleta ao lado, enquanto ela iria conferir o dinheiro.

Chamando Augusto, pediu que verificasse com ela o salário do ato inconsequente; ele, de olhos brilhando, a auxiliava na contabilidade de quem adquire dívidas dolorosas junto às leis divinas.

Depois de conferido o dinheiro, ela declara: — Chame Abelardo para fazermos logo o serviço!

Augusto se retira para chamar o comparsa, fazendo um comentário:

— Logo poderemos comercializar outros tipos de medicamentos; vamos investir mais nos remédios milagrosos, pois, quem está doente procura desesperado por algo que lhe restitua a saúde e não nos será difícil negociar tais medicamentos.

Gerusa caminha até a saleta ao lado e chama a jovem para um quarto próximo, que é usado para a prática abortiva.

Ela pede para Eugênia aguardar na saleta e levando Helena pelas mãos, a conduz ao ambiente desagradável.

As amigas olham-se; ambas se emocionam e uma lágrima denuncia a emoção que estão sentindo. Helena era ainda uma criança, e como tal agia, sem pesar todas as responsabilidades que aquele ato implicaria em sua vida. Em vão nossos irmãos tentaram impedir o gesto odioso, mas o livre arbítrio de cada um deve ser respeitado, mesmo nos momentos mais tormentosos.

Gerusa pediu que ela tirasse a roupa e colocasse um roupão que se encontrava pendurado. Helena sentia náuseas; o nervosismo era muito grande. Nesse instante sua consciência começava a lhe chamar a atenção; ela olhou para o roupão e observando um respingo de sangue na peça de roupa, sentiu-se mal, mas foi retirada de seus pensamentos por Gerusa que lhe falou: — Ande logo menina; eu não tenho o dia todo. Daqui a pouco chega outra pessoa para o atendimento; avie-se, por favor!

— Sim senhora! Respondeu.

E respirando fundo colocou o roupão e se deitou no lugar indicado.

Justino, preocupado, disse para Arlindo:

— Quantas vezes a misericórdia divina nos chama à razão, nós, como crianças, nos fazemos rebeldes e, errando bisonhamente, adquirimos débitos escabrosos para as jornadas futuras. Roguemos a Jesus que fortaleça nossa irmã e nos ampare no socorro a Daniel.

Arlindo, em atitude de prece, assentiu com a cabeça, e ambos rogando forças ao alto se prepararam para auxiliar os irmãos necessitados.

Palavras serão insuficientes para descrever o sofrimento da mãe que renega a oportunidade da maternidade e, mais ainda, do espírito que sofre um verdadeiro assassinato durante o processo reencarnatório.

Gerusa pediu a Abelardo que desse o medicamento para Helena beber; era uma droga que anestesiaria a jovem mãe, para se iniciar o processo execrável. Alguns minutos se passaram e, demonstrando sonolência, Helena começou a falar de maneira lenta e incompreensível. Devido a demora para Helena adormecer, Gerusa, com um sinal, pede a Abelardo que usando um pano embebido em éter ajudasse-a a adormecer rapidamente; e num gesto brusco ele a obrigou a respirar aquele pano, fazendo com que desmaiasse.

Iniciou-se então a prática insana. Erasmo procurava amparar Daniel que em choro convulsivo se debatia em gritos de socorro e desespero total. Gerusa, utilizando uma faca que parecia uma foice em miniatura, introduziu-a no útero da jovem mãe, e com uma prática assustadora cravou no pequeno feto sua ponta, trazendo para fora o primeiro pedaço do corpo em formação. Daniel soltou um grito lancinante, perdendo os sentidos; enfermeiros prestimosos do plano espiritual o envolveram em passes calmantes para que sua dor diminuísse e ele sofresse menos com toda aquela situação.

Gerusa continuava o trabalho de retirar do útero de nossa irmã os restos do embrião já sem vida.

Justino olhava entristecido para Daniel e para o que sobrou do feto, agora em pedaços e pode observar que o cordão fluídico que liga o perispírito ao corpo físico ainda não havia se rompido totalmente. Arlindo, médico experiente nas lides assistenciais a espíritos abortados, era o responsável pela equipe socorrista, e comentou, ao fazer o desligamento do cordão fluídico:

— Bem, infelizmente, é mais uma porta que se fecha para o retorno de um irmão à escola planetária.

Ainda estavam acontecendo às ligações celulares entre o perispírito do nosso companheiro Daniel com o veículo físico que lhe serviria de corpo, com oito semanas de gestação; todo o processo reencarnatório estava em franco andamento.

E com o semblante triste, prosseguiu:

— É muito amargo esse momento para os irmãos comprometidos com o programa reencarnacionista; a maternidade é um degrau enorme na escala ascensional do espírito em evolução. Não dá para explicar o que ocorre de fato numa situação como essa. A linguagem humana não oferece instrumentos para que possamos descrever o quadro doloroso que envolve o aborto e suas consequências.

E, chamando a atenção de Erasmo e Justino, exclamou:

— Observem detidamente o perispírito de nossa jovem.

E, olhando com atenção, Justino balançou a cabeça de forma negativa e comentou:

— Esta marca no ventre dela vai permanecer?

— Sim, Justino respondeu Arlindo.

— Helena lesou com o aborto o seu corpo espiritual, acarretando para si complicações enormes para seu futuro evolutivo. É possível que em futuras reencarnações, se retornar a Terra como mulher, não será abençoada pela maternidade redentora. Observemos que não haverá um castigo divino; o que ocorre de verdade é a resposta que a lei de ação e reação nos demonstra em nossa jornada.

E Justino, buscando mais entendimento da situação, perguntou respeitoso:

— Irmão Arlindo, observo no ventre de nossa irmã, uma energia disforme, diferente, até mesmo, da energia do restante de seu perispírito. Por quê?

Com atenção profunda, Arlindo respondeu:

— Meu caro Amílcar, o fumante destrata seu aparelho respiratório; o alcoólatra castiga seu fígado, seus rins; o glutão compromete seu aparelho digestivo; o maledicente compromete a sua paz; seja qual for a raiz de nossa imprudência, o nosso corpo perispiritual vai registrar e nós haveremos de responder pela invigilância praticada. Assim sendo, com o ato do aborto, comprometemos nossos órgãos reprodutores. Sendo nosso corpo perispiritual um verdadeiro arquivo energético, que revela as condições evolutivas de cada um, na base do delito a energia será mais densa e condensada, demonstrando a situação espiritual do infrator às leis divinas.

Nossos irmãos foram interrompidos da conversa edificante pelo grito de Gerusa, que bradando impropérios desesperava-se:

— Não é possível; acho que aconteceu um acidente, droga!

Abelardo, acercando-se dela, perguntou:

— O que houve, Gerusa?

E Gerusa, trêmula, respondia:

— Acho que furei o útero desta menina!

— Você está maluca? Vociferou Abelardo.

— Olha só, o sangue não estanca; não é um sangramento normal; ela esta sangrando demais e não sei o que fazer.

— Vá chamar o Augusto, anda!

A DESENCARNAÇÃO DE HELENA E EUGÊNIA

Abelardo, assustado com aquela situação, saiu da sala correndo, sem observar que Eugênia estivera escutando atrás da porta, e afastara-se no momento em que ele abriu-a.

Eugênia, desconfiada, ficou quieta e resolveu esperar mais alguns minutos para ver o que estava acontecendo.

Seus pensamentos são interrompidos pelos passos rápidos de Augusto, que vinha em companhia de Abelardo, o qual tremia e transpirava. E Augusto, entrando no quarto, questionou Gerusa:

— O que esta acontecendo?

— Ela esta tendo uma hemorragia, e não posso fazer nada!

Augusto, percebendo a gravidade da situação, pois a menina encontrava-se muito pálida, falou baixinho:

— O que vamos fazer?

Gerusa, que estava toda suja de sangue e com o rosto demonstrando muito medo, falou com receio:

— Ela está morrendo!

Abelardo, amedrontado, começou a chorar e Augusto diante daquela situação decidiu:

— Nós vamos ser acusados de assassinato, a menos que sumamos com o corpo dela!

— E a amiga ? Observou Gerusa.

— Vamos dar um jeito nela também! Arrematou Augusto.

E chamando Abelardo num canto disse-lhe: — Acalme-se, vá até lá fora e dê um jeito de sumir com aquela charrete, enquanto eu cuido da outra mocinha; depois venha para arrumar nossas coisas, pois teremos que viajar por uns tempos. Amílcar e os amigos espirituais procuravam amparar Helena e aplicando passes magnéticos auxiliavam-na naquele transe

doloroso em que se enredara; a ajuda era prestada, mas ela passaria pela fase de perturbação que ocorre com todo espírito, depois do desencarne, e mais que isso, enfrentaria a própria consciência quando do seu despertar. Ninguém se encontra desamparado no mundo; seja qual for a situação do espírito, o amparo celestial se faz para todos, mas não livra ninguém de colher os frutos da própria sementeira.

Augusto aproximou-se de Eugênia e iniciou uma conversa:

— Tudo bem?

— Tudo sim senhor! Estou esperando minha amiga!

— Entendo; logo ela vai sair da sala e vocês poderão ir para suas casas.

— Será que ela ainda demora muito, senhor?

— Acho que não. Você quer um refresco?

E sem esperar resposta Augusto foi até a cozinha e retornou com um copo de refresco para Eugênia.

Ela, sem suspeitar, bebeu todo o refresco que fora preparado por Augusto, com uma dose de veneno.

Na pergunta 163 de **O livro dos Espíritos**, Allan Kardec pergunta às entidades Venerandas:

P — Deixando o corpo, a alma tem imediata consciência de si mesma?

R — Consciência imediata não é o termo: ela fica perturbada por algum tempo.

Ele então pediu licença e se retirou deixando-a só. Entrou novamente na sala e Gerusa meneando a cabeça, negativamente, afirmou preocupada:

— Ela está morta!

— Eu já dei um jeito na amiga também; é só aguardar alguns minutos para o veneno fazer efeito.

Justino e as entidades socorristas auxiliavam Helena, que era desligada do seu corpo físico, enquanto Erasmo e outros enfermeiros prestimosos, socorriam Eugênia que sofria muitas dores com o efeito do veneno.

A Paternidade Divina está sempre ao nosso lado, mesmo nos tranSES mais dolorosos de nossa existência; nossas irmãs recebiam toda ajuda possível para superar as dificuldades daquela situação. Podemos observar, nesse drama, a atuação do livre arbítrio de cada uma das personagens. Todos nós temos decisões a tomar em todos os momentos de nossa caminhada, de nosso dia; ao despertar pela manhã já é momento de se fazer uma escolha, iniciando mais um dia com uma prece de agradecimento e com um sorriso iluminado à primeira pessoa que encontrarmos. A vida é feita de escolhas, portanto, todos nós podemos e devemos construir os nossos destinos, fazendo sempre a opção pelo amor, mesmo que ela aparentemente nos traga dores.

Na pergunta 161 de **O livro dos Espíritos**, Allan Kardec questiona as entidades amigas:

P — Na morte violenta ou acidental, quando os órgãos ainda não se debilitaram pela idade ou pelas doenças, a separação da alma e a cessação da vida se verificam simultaneamente?

R — Geralmente é assim; mas, em todos os casos, o instante que os separa é muito curto.

E na pergunta 162, o Codificador, com sua perspicácia, esclarece mais ainda a questão da morte violenta, perguntando:

P — Após a decapitação, por exemplo, o homem conserva por alguns instantes a consciência de si mesmo?

R — Frequentemente ele a conserva por alguns minutos, até que a vida orgânica se extinga de uma vez.

Mas muitas vezes a preocupação da morte lhe faz perder a consciência antes do instante do suplício.

Helena e Eugênia retornavam ao mundo espiritual, de forma dolorosa, mas cada uma teria o despertar correspondente ao seu grau evolutivo. Mas voltamos a dizer que ninguém se encontra desamparado.

Depois de um determinado tempo, Helena sentia-se tonta, via vultos a sua frente, vivia uma situação estranha, onde percebia o corpo enfraquecido e não conseguia distinguir nada a sua volta; sentia a dor do ferimento provocado pelo aborto e ouvia um choro infantil que entrava pelos seus ouvidos e ecoava dentro do seu coração. Eugênia, por sua vez, logo após o desenlace do corpo físico, sentia muitas dores estomacais e era tratada com imenso carinho por irmãos que a amparavam e a retiravam daquele local, para um posto socorrista próximo à crosta. Helena, espírito, passaria algumas horas naquele local; depois seria levada para o mesmo posto de socorro em que Eugênia fora atendida.”

A TRAIÇÃO DE GERUSA

Augusto e seus asseclas aguardavam que chegasse a madrugada para sumir com os corpos e conversavam entre si:

— Iremos até o porto e pegaremos o primeiro navio que possa nos levar para bem longe daqui; quem sabe poderemos nos estabelecer em outra cidade, o Rio de Janeiro, talvez, dizia confiante Augusto.

— Não sei não! Redargui Gerusa. — Talvez fosse melhor irmos para São Paulo.

Augusto, que não estava acostumado a ser contrariado, rebateu:

— Nosso destino será o Rio de Janeiro; está decidido!

Abelardo apoiava:

— Isso mesmo, você está certo!

Gerusa não estava gostando nada daquilo; sempre era a última a decidir, sua palavra nunca era ouvida e todo o trabalho mais arriscado sobrava sempre para ela.

— "Isso não é justo" dizia para si mesma. "Quero ver se na hora da partilha do dinheiro, vou ter que dividir em partes

iguais".

Augusto, como a adivinhar-lhe os pensamentos, sentenciou:

— Vamos dar fim aos corpos e depois faremos a partilha do dinheiro. Gerusa, tranquilize-se enquanto vou com o Abelardo sumir com esses corpos. Fique a postos nos aguardando; tome conta do dinheiro que já voltamos!

— Augusto, aonde você vai jogar os corpos? Perguntou ela astutamente.

— Vou enterrar lá no mangue. Por quê?

— Nada, nada; só para saber o tempo que tenho para me preparar!

— Tudo bem! Vamos Abelardo, vamos dar um fim nisso!

E depois que eles saíram, Gerusa pegou o dinheiro, selou um cavalo e fugiu em direção ao posto dos oficiais.

Dissimulando, bate à porta da milícia, dizendo:

— Eu estava dormindo; acordei ouvindo dois homens discutindo com duas moças; era uma discussão violenta; acho até que eles se agrediram. Olhei pela fresta da minha janela e vi quando um dos homens lançou mão de um punhal e atacou as jovens.

E prosseguia dando continuidade a sua imaginação doentia:

— Fechei a janela com medo, mas ainda pude ouvir quando um perguntou para o outro: "Aonde vamos enterrá-las?".

E o outro homem respondeu: "Vamos levá-las ao mangue!".

Ela, então, fingindo chorar demonstrando desespero, soluçava. O oficial que ouvia tudo com atenção, compadecido, disse a ela:

— A senhora aguarde aqui que eu vou chamar outros oficiais e partiremos agora mesmo, em diligência.

Gerusa esperou que o policial a deixasse só e fugiu dali sem deixar rastros, levando o dinheiro sujo que havia amealhado durante três anos, auxiliando mulheres equivocadas a praticar o aborto e ludibriando as pessoas enfermas, vendendo medicamentos falsos.

Não foi difícil para os oficiais encontrarem os sinais da carroça que fora utilizada para o transporte nefando e, assim, flagrarem Augusto e Abelardo se preparando para enterrar os corpos das jovens amigas.

Ao perceberem a presença dos milicianos, eles tentaram empreender a fuga, mas foram perseguidos pelo mangue, sendo mortos pelos oficiais em ação.

Dessa forma desencarnaram Augusto e Abelardo, desajustados, e levando consigo a certeza de que Gerusa os houvera traído, despertando no mundo espiritual com intensa perturbação e ódio maior ainda.

Gerusa, por sua vez, radicou-se em São Paulo, onde, por desequilíbrio psíquico do remorso que a consumia, veio a desencarnar dois anos depois, vítima da tuberculose e sofrendo a perseguição que a sua consciência e os seus atos lhe impuseram. Tinha alucinações terríveis, com crianças lhe pedindo para nascer e sofria também pesadelos cruéis, com os dois companheiros de desdita.

Augusto, que se vinculara a mentes inteligentes e doentias, aprendera a utilizar-se da hipnose, escravizando Abelardo para os seus interesses escusos; espírito inteligentíssimo, usara todo seu potencial para aprender a manipular habilidades psíquicas, penetrando assim no campo mental da criatura em desajuste. Tinha compreensão do que era monoideísmo (fixação mental), a forma mais eficaz de se influenciar uma pessoa que se encontra com os pensamentos viciosos.

Existem entidades espirituais com conhecimentos profundos do que é magnetismo e de como utilizá-lo para sevir mentes em desalinho. "Daí a importância de orar e vigiar como nos recomenda o Mestre Jesus."

A RENÚNCIA DE ABELARDO

Depois de alguns anos, as Leis divinas promoveram o reencontro de Augusto, Abelardo e Gerusa; todos foram socorridos para novo projeto reencarnatório. Mesmo carregando em si muito ódio, Augusto e Abelardo aceitaram nova reencarnação, tendo Gerusa como mãe, que os auxiliaria na bendita tarefa de elevarem-se juntos a caminho do bem.

Providências foram tomadas:

Lídia, espírito amoroso que acompanhava Gerusa há muitas encarnações, recebeu-a como filha querida.

Gerusa, então reencarnada como Luísa, tentava resgatar as faltas cometidas, e teria que fazer grande esforço para alcançar êxito em sua nova jornada.

Enquanto Luísa crescia para o prosseguimento do programa, Augusto e Abelardo recebiam tratamento e orientação para, no momento certo, retomarem ao corpo físico.

Luísa, já adulta, conheceu João Carlos, o companheiro ideal para o cometimento. Ele, que fora Daniel, espírito que teve sua encarnação frustrada pela jovem Helena, tinha então a oportunidade de, através do perdão e do amor, auxiliar aquela que, juntamente com Helena, lhe houvera tirado a oportunidade de renascer. Comprometeu-se a auxiliar Luísa nas provas retificadoras que a vida lhes apresentaria. Casaram-se e no tempo aprazado para a gravidez, Augusto e Abelardo decidiram desistir de reencarnar tendo Luísa como mãe. Em vão, os amigos espirituais tentaram convencê-los a aceitarem a programação redentora. E, rebelando-se, fogem do núcleo espiritual ritual que lhes servia de morada, para enredarem-se novamente nas tramas do ódio contra Luísa.

Nossos companheiros abandonaram a diretriz redentora e, por livre escolha, atrasaram seus passos a caminho da própria evolução. Passaram a perseguir Luísa e tentaram de todas as formas promover a vingança, que acreditavam ser a única maneira para encontrarem a paz. Luísa, empenhada em cumprir o programa libertador, canalizou seus pensamentos para a maternidade sagrada, não dando, desta forma, campo para que os irmãos infelizes penetrassem em seu psiquismo. Somos os construtores de nosso destino e agimos conforme pensamos. Assim, "dize-me o que pensas que te direi com

quem andas" no teu campo mental.

Augusto e Abelardo dirigiam suas energias deletérias para nossos irmãos: Luísa, João Carlos e Lídia; mas em vão eram seus esforços, pois nossos irmãos não forneciam oportunidades para o ataque psíquico.

Lídia, sempre ciosa da necessidade da prece, procurava realizar o "Evangelho no Lar", mesmo sozinha, por vezes.

Luísa, sentindo enfado, participava ouvindo a leitura edificante; João Carlos não se interessava, mas quando a sogra iniciava a reunião, ele silenciava os pensamentos e agradecia à sua maneira, pela bênção da vida. No instante em que proferia a singela oração, entidades amigas envolviam o ambiente em vibrações de paz e harmonia, espargindo luz para várias casas da redondeza.

Na questão 332 de **O Livro dos Espíritos**, Allan Kardec pergunta:

P — O Espírito pode abreviar ou retardar o momento da reencarnação?

R — Pode abreviá-lo, solicitando-o por suas preces, e pode também retardá-lo, se recuar ante a prova.

Porque entre os Espíritos há também indiferentes e poltrões; mas não o faz impunemente, pois sofre com isso, como aquele que recusa o remédio que o pode curar.

Ah! Como é maravilhoso abrigar-se na prece, fortalecendo-se e entrando em sintonia com o Criador; só se descobre o poder da oração depois de muito sofrer nas malhas da ilusão.

Mas nossos irmãos infelizes estavam a postos para desfechar o ataque preciso, no momento de uma discussão, de um atrito qualquer, que lhes permitisse envolver a pessoa em desajuste. Assim, eles passavam horas, vigiando o lar de Luísa, na expectativa de envolvê-la em situação dolorosa. Atraíam mais irmãos dementados, entidades que, como eles, pensavam somente em vingança; em outras palavras: eram espíritos afins.

Em determinada manhã, Luísa despertou com a sensação de que havia sido perseguida mais uma vez; de maneira invigilante, levantou-se sem se abrigar na bênção de uma prece. Fixou sua mente nas crianças que lhe pediam para nascer em seus pesadelos; conforme ela ia pensando, mais era envolvida em sensação de pavor e medo.

O metabolismo do seu corpo refletia o resultado da sua tela mental; alterou-se sua pressão arterial; o coração disparou. Ela sentia medo, mas não podia ver Augusto e Abelardo envolvendo-a com pensamentos de pânico, sugerindo-lhe suicidar-se; eles diziam assim no seu campo mental:

— Se você não pode ser mãe, de que vale sua vida? Ela será sempre vazia; acabe logo com isso; vamos, mate-se!

Ela não entendia de onde vinham aquelas sugestões, mas sentia uma influência muito grande, a ponto de sentir tonturas medo de desfalecer. Assustada, gritou pela mãe, que a ouviu e correu em direção ao quarto:

— Filha o que está acontecendo?

Luísa estava pálida e transpirando muito; Lídia lançou mão do recurso precioso da oração e apelou para a filha:

— Luísa, preste atenção, seja qual for o pensamento que tenha em mente agora, eu lhe peço que mude a sintonia e se una a mim em oração. Ouviu, filha? Responda-me.

— Estou ouvindo, mamãe; pensei que fosse perder os sentidos; fiquei tonta e parecia que ouvia vozes!

E de forma respeitosa, sem esperar, Lídia pediu o concurso espíritos protetores, rogando a Jesus que as envolvesse em sua misericórdia. E em prece fervorosa ela clamou:

— Senhor Jesus, auxilia-nos neste instante, ofertando-nos a doce paz; perdoa nossa dificuldade em nos manter com o pensamento vigilante no bem. Afasta deste ambiente as influências deletérias; se estiverem aqui, alguns irmãos em desajuste, ampara essas entidades na luz do teu amor, conduzindo-os ao socorro necessário para que possam se reequilibrar e seguirem pelo caminho do bem.

Enquanto Lídia proferia a prece. Augusto e Abelardo, irritados com a intervenção dela, esbravejavam:

— Esta mulher vai nos pagar; ela não pode continuar a atrapalhar os nossos planos!

E finalizando a prece, Lídia dizia:

— Ajuda-nos a compreender. Senhor, que não há felicidade sem que estejamos com a mente e as nossas ações trabalhando para o bem.

Augusto olhou para o lado e viu Amílcar, espírito protetor de Luísa, que, atraído pela prece, veio auxiliar; ele olhou para o recém-chegado e disparou:

— Quem é você? Saia daqui! Estas pessoas nos devem e como vítimas exercemos nosso direito em cobrar!

E furioso Abelardo ajuntou:

— Vai sair por bem ou por mal?

Amílcar, observando o estado lamentável dos dois, respondeu:

— Entrei aqui pensando em ajudar!

Abelardo vociferou:

— O quê? Como ousa entrar aqui para ajudar esta delatora que nos levou a sofrer tanto?

Amílcar calmamente respondeu:

— Mas não é a elas que vim ajudar, e sim a vocês!

— Como? Perguntou Augusto desconfiado.

— E verdade! Esclareceu Amílcar. São vocês que estão necessitando de ajuda; observem que as suas investidas não estão surtindo efeito; vocês precisam mudar de tática!

— Como assim? Perguntou Abelardo.

— Reencarnando; essa é a resposta. Há quantos anos vocês tentam e não conseguem realizar os seus ideais?

— Sei lá! Respondeu Abelardo.

Augusto que estava só observando, com desconfiança, perguntou:

— Qual é a solução que você nos propõe?

Amílcar sorriu e disse:

— Vocês haviam concordado em reencarnar e desistiram, não foi isso?

— Foi sim! Esclareceu Augusto. Continue!

— Vocês estão perdendo tempo, ficando aqui; voltem para a escola que é a Terra. Se não podem perdoá-la, pelo menos sejam mais inteligentes e procurem uma forma de encontrá-la face a face. Que oportunidade vocês teriam melhor do que voltar a viver com ela em uma mesma família? A sua teimosia em não reencarnar só retarda os seus passos e não lhes permite acertar logo as contas com Luísa. Que demonstração de coragem poderia ser maior do que a de aceitar o retorno ao corpo físico? Seria mais meritório deixar de agir assim, tentando influenciá-la, através de pensamentos de suicídio.

— Talvez vocês consigam; talvez não. E o tempo perdido? É preciso ter coragem de ir ali para a arena de carne, onde podemos combater e travar a batalha verdadeira pela justiça das leis de Deus.

Abelardo ouvia a tudo e concordava, mas Augusto estava desconfiado daquelas colocações e repentinamente redarguiu:

— Agradecemos os seus conselhos, mas vamos ficar por aqui mesmo; até logo!

— É isso que você pensa, Abelardo? perguntou Amílcar.

— Eu estou confuso! Respondeu ele.

Amílcar, vendo ali uma grande oportunidade, insistia:

— Abelardo, pense um pouco por você mesmo; até quando vai ficar atendendo os desejos do Augusto?

— Até quando deixará que ele pense por você?

— Vamos parar com este papo! Resmungou Augusto, furioso.

— Você entrou aqui para nos enfraquecer, não é? Gritou colérico.

— Calma, amigo! Respondeu Amílcar.

Abelardo assistia a tudo sem compreender. Augusto exercia sobre ele um domínio muito grande, usando de poder hipnótico-magnético para mantê-lo subjugado a seus interesses.

Sem perceber, Abelardo era envolvido em tênues vibrações por entidades que não eram vistas por ele, as quais se encontravam em frequência vibratória mais sutis. Amílcar sabia e sentia psiquicamente que companheiros espirituais atuavam naquele momento. Abelardo, então, começou a chorar e olhando para Amílcar, pedia:

— Não aguento mais ficar assim. Por favor, ajude-me; estou cansado!

Augusto começou a gritar:

— Abelardo, seu covarde! Não se esqueça do que Gerusa nos fez! Ela tem que pagar; não seja tolo em acreditar neste impostor!

Chorando muito, Abelardo falou:

— Não quero continuar; chega!

Sem perder tempo, Amílcar pegou Abelardo pelo braço e o retirou dali, agradecendo a Deus pelo seu arrependimento. Augusto, ensandecido, esbravejou, desesperou-se, e jurou vingança contra todos.

NA PALESTRA ESPÍRITA

Luísa se refez; sua mãe a olhou e observou que seu semblante recuperou a sobriedade; sua cor voltou ao normal.

Lídia aproveitou a oportunidade e convidou a filha para a reunião pública que se realizaria em um ginásio de esportes, naquela noite.

— Filha, você está bem?

— Estou sim, mamãe; senti-me muito mal; parecia que estava vivendo aquele pesadelo acordada, chegando até a ouvir vozes!

— É mesmo, filha? E o que diziam elas?

— Sugeriam-me o suicídio mamãe; senti-me muito atormentada.

Lídia, percebendo a influência de espíritos obsessores, habilmente mudou de assunto para que a filha não desse campo outra vez àquelas entidades.

— Filha, que tal assistirmos a uma palestra esta noite? Hoje é um dia especial aqui em Santos; a família espírita estará reunida em um ginásio, para a presença de um orador muito conhecido no Brasil. As pessoas que já o ouviram falar, afirmam que ele traz uma sinfonia de amor em seus lábios. Quem sabe você não se distrai e o João Carlos acaba gostando também; não custa nada tentar!

— Tudo bem, mamãe; na hora do almoço, quando João chegar, converso com ele, e talvez possamos ir à palestra, está bem?

Com um sorriso de esperança nos lábios Lídia aguardaria ansiosa a chegada do genro para o almoço.

Eram doze horas, quando João Carlos abriu a porta da sala, e entrou sorridente:

— Olá para vocês, meninas! Tudo bem por aqui?

Luísa sorrindo, respondeu:

— Tudo bem! Com exceção da minha mãe, que esta quase enfartando, esperando por uma resposta sua!

— Resposta do quê? Perguntou João.

— Ela nos convidou para irmos a uma palestra esta noite; segundo mamãe, vai ser um acontecimento importante para os

espíritas da baixada santista!

— Tudo bem! Não vejo razão para não irmos; não tenho compromisso esta noite; talvez fosse caminhar na praia, mas diante deste convite, acho que podemos ir sem problemas! A que horas será o evento dona Lídia? Perguntou João.

— Começa às vinte horas; mas é melhor chegarmos cedo para conseguir um bom lugar!

— Tudo bem; às quinze para as sete sairemos de casa; a não ser que me apareça uma partida de futebol!

Falou ele brincando.

Lídia não conseguia esconder a alegria com o que estava acontecendo; afinal já tentara tantas vezes levá-los a uma reunião pública, sem sucesso, tanto que parecia um sonho. Seu coração se enchia de esperança.

Todos nós, quando encontramos um caminho que nos faz bem, desejamos dividir a descoberta com aqueles que amamos. Mas não é bem assim que as coisas acontecem; devemos respeitar o livre pensar de cada um e principalmente a condição evolutiva do ser, pois cada qual compreende Deus conforme seu grau evolutivo.

O dia passou depressa; Lídia e Luísa estavam prontas, aguardando João Carlos chegar do trabalho.

Ele havia telefonado para casa confirmando a presença deles na reunião pública de logo mais; pediu para que elas o esperassem prontas.

Duas buzinas em frente ao prédio era a senha para que as duas descessem, pois ele estaria aguardando.

Em breves minutos os três estavam se dirigindo ao local do evento. Sem perceberem, eram acompanhados por Augusto que, ensandecido, emitia vibrações pestilenciais, esperando oportunidade para poder desfechar sua descarga psíquica negativa contra quem lhe oferecesse campo. Junto com ele vinham mais alguns espíritos que estavam na mesma faixa vibratória, convidados por Augusto para a desforra almejada.

No local do evento a psicofera ambiente preparada pela espiritualidade encontrava-se envolvida em paz, e podiam ser vistos aqui e ali grupos de espíritos guardiões, responsáveis pelo trabalho a se realizar. Muitos companheiros espirituais em perturbação eram barrados e impedidos de se aproximarem do local; devemos ressaltar que cada espírito, encarnado ou desencarnado, apresenta em si mesmo a condição espiritual em que transita; o perispírito denuncia através das vibrações características a condição de cada um.

E não foi diferente com Augusto e seus companheiros. Ao aproximarem do local do evento foram impedidos de entrarem no ambiente fraterno, devido às suas condições vibratórias, que demonstravam o desajuste em que se viam.

Companheiros do plano invisível abordavam esses irmãos, tentando chamá-los ao arrependimento de seus atos vingativos, mas eles nem sequer permitiam que a conversa amiga se iniciasse, rebelando-se contra qualquer tentativa de entendimento educativo. Muitos desses espíritos eram socorridos, se desejosos estivessem para aceitar o amparo fraternal. Pode-se observar que qualquer palestra realizada com o sentimento nobre de servir ao bem é recurso valioso que a sabedoria celeste se utiliza para socorrer encarnados e desencarnados.

Respeitosamente, nossa irmã Lídia e os seus entraram no ginásio; ouvia-se música suave, o ambiente era de muito respeito; um coral formado de jovens entoava uma canção de exaltação à fraternidade. No plano espiritual, entidades dedicadas corriam aqui e acolá para o amparo preciso aos irmãos que se encontravam esfaimados de auxílio espiritual. Grupos de trabalhadores espirituais ministravam passes aos encarnados que iam chegando; o trabalho era realizado com harmonia e amor; tudo era preparado para o instante em que o palestrante iria trazer a mensagem consoladora da Doutrina dos Espíritos.

Na hora aprazada, um irmão encarnado responsável pelo início dos trabalhos, dirigiu-se a todos, pedindo união de pensamentos em direção ao alto, para a prece de abertura. Entidade veneranda lhe ampara, circundando-o em luz suave. O irmão assim inicia a prece:

— "Senhor Jesus, sabedores da tua presença em meio a nós, rogamos que tua misericórdia infinita possa nos envolver neste instante; nós, viajantes da eternidade, agora envergando a armadura física para o combate que enfrentamos contra nós mesmos, te pedimos, excelso Governador do planeta, auxilia-nos, Senhor Jesus, a conhecer a humildade para podermos receber os ensinamentos da noite, como cartilha redentora para nossa jornada evolutiva.

Que a tua Paz seja conosco! Que os mensageiros de luz tragam esta noite as mensagens de esperança e de fortalecimento para todos nós. Assim sendo, Meigo Galileu, abençoa-nos hoje e sempre com a tua paz! Assim seja!"

Os espíritos encarnados não percebiam pequenos flocos luminosos a cair por sobre todos os presentes; como minúsculas estrelas, desciam suavemente por sobre as frentes necessitadas do pão espiritual; era um espetáculo de infinito amor e misericórdia para com todos.

João Carlos estava surpreendido com a paz que reinava no ambiente; era algo contagiante que enternecia ao coração mais endurecido que estivesse presente. Luísa, com os olhos a denunciarem a emoção, com dificuldade conseguia controlar as lágrimas que pediam para balsamizar suas carências espirituais. Lídia, em prece fervorosa, pedia a intervenção de amigos espirituais para o amparo aos filhos João e Luísa.

Sobe então à tribuna um senhor de semblante sereno e simples, que denodava e transmitia uma confiança e uma alegria jovial nos olhos escuros e lúcidos; olhou para as pessoas que, com a respiração em suspense, aguardavam as primeiras palavras do orador. Levantando os olhos ao alto, iniciou a palestra de amor:

— Meus irmãos em Cristo Jesus! Que a paz seja convosco! Nos dias tormentosos em que vivemos na escola planetária, rogamos a Jesus que nos ampare e nos fortaleça na luta redentora contra nossas imperfeições...

Quem pudesse observar o orador com os olhos espirituais, o veria nimbado de luz prateada, a revelar o amparo celeste que o envolvia. As pessoas em expectativa, como se estivessem com sede, sorviam as palavras, não pelos ouvidos carnis, mas sim, pela acústica do coração. Não se ouvia um ruído sequer e todos se uniam em um único pensamento, facilitando ainda mais o amparo que as entidades espirituais dispensavam a todos os presentes.

A palestra da noite abordava a bênção da vida, conclamando todos ao amor e ao aproveitamento da encarnação; tratava de temas atuais como drogas, doenças sexualmente transmissíveis e, para perplexidade de Luísa, versava também sobre maternidade, aborto e adoção.

João Carlos, assombrado com o que ouvia, pensava: "Se não conhecesse minha sogra, diria que ela combinou tudo com esse senhor".

A forma pela qual o palestrante abordava o assunto causava surpresa agradável, pois ele falava de um amor pouco compreendido pelas pessoas; insistia em dizer que todos nós pertencíamos à família dos espíritos em evolução, que estávamos fadados à perfeição, através do aprendizado das vidas sucessivas, e dizia:

— Ninguém está condenado ao suplício eterno, pois, se assim fosse, o Deus que condena seus filhos ao sofrimento sem chance de remissão, seria um Deus vingativo, um Pai com sentimentos que demonstraria a imperfeição do seu amor.

E dando mais ênfase às suas colocações, prosseguia:

— Se nós, ainda imperfeitos, não condenamos nossos filhos ao padecimento, por que Deus condenaria?

Toda aquela lógica de raciocínio surpreendia João Carlos, que passava a enxergar os espíritas, não como um grupo de pessoas ignorantes, mas sim como criaturas que buscavam a fé com esclarecimento. Parecendo que captava seus pensamentos, o lúcido expositor comentava:

— "Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da humanidade".

João, surpreendido com essa afirmativa, emocionou-se e olhando para Lídia, comentou:

— Eu não acreditava que existisse uma doutrina que primasse pelo raciocínio!

— Ah! Meu filho! Existe tanta consolação nessa doutrina de amor... Respondeu Lídia comovida.

O casal banhava-se em conhecimentos que poderiam ajudá-los a compreender as dificuldades, com relação à maternidade. A reunião parecia chegar ao fim e o ambiente estava cada vez mais iluminado pela presença da espiritualidade amiga, a amparar os viajantes da eternidade, espíritos encarnados e desencarnados. Proferindo prece comovedora, o orador abençoado encerrou a sua exposição sob forte impacto emocional para os presentes. Após a palestra, o irmão palestrante iria atender àqueles que desejassem conversar com ele, para um entendimento fraternal mais próximo.

Lídia, secando as lágrimas dirigiu-se a Luísa, dizendo:

— Vamos, filha; graças a Deus participamos desse banquete espiritual!

— Vamos sim mamãe; estou profundamente comovida com tudo que pude aprender aqui, esta noite.

João Carlos não comentou nada; tomando as duas pelo braço, gentilmente, conduziu-as para o estacionamento.

Ao chegar em casa, todos pareciam inebriados pelas palavras de sabedoria que tinham ouvido na palestra.

Luísa, beijando a sua mãe, pediu licença e retirou-se para o quarto. João Carlos perguntou a Lídia:

— Quando é que acontecem os estudos no Centro Espírita que a senhora frequenta, dona Lídia?

— Os estudos são realizados às terças-feiras, João! Respondeu animada, mas contendo a empolgação.

— Tudo bem! Gostaria de conhecê-los na próxima semana; boa noite, dona Lídia!

— Boa noite, João!

Ficando sozinha, Lídia não continha sua alegria e em prece jubilosa de agradecimento, elevou seus pensamentos ao Criador, pelas bênçãos da noite.

A ADOÇÃO

Na espreita, e sem gostar nenhum pouco do que via, Augusto destilava ódio. Esbravejando contra Lídia e tentando penetrar seu psiquismo, ele a xingava e maldizia. Ela foi para o quarto e, deitando-se para dormir, em breves minutos se viu fora da roupagem física, e desprendendo-se pode deparar com Augusto, que a aguardava para um acerto de contas:

— Aonde você quer chegar? Disparou ele. Você acha que vai poder impedir meus planos de vingança? Arrematou Augusto, furioso.

Lídia que conhecia a influência funesta daquele irmão na vida de Luísa, tentou conciliar:

— Meu irmão, para que tanto ódio?

— Não se meta em meus planos; ela vai me pagar, e você não vai se intrometer em meus desejos de justiça...

E com olhar encolerizado, partiu para cima de Lídia, que despertou no corpo físico, sentindo como se alguém lhe apertasse a garganta; de um salto pulou da cama e respirou aliviada, dando-se conta de que fora um pesadelo.

Procurou através da prece rogar a Deus que amparasse este espírito revoltado, conseguindo conciliar seu sono depois da oração.

No dia seguinte, na hora do café, João Carlos e Luísa procuraram Lídia para comunicar uma decisão:

— Bom dia, mamãe! Tudo bem?

— Tudo, filha! Bom dia, João!

— Bom dia, dona Lídia! Ótimo dia!

Lídia, sorrindo, perguntou:

— O que aconteceu com os dois que despertaram desta forma?

— Tomamos uma decisão e gostaríamos de lhe comunicar; afinal, a senhora também será afetada pelo que decidimos!

falou, sorridente, João Carlos.

— Vamos Luísa, fale com sua mãe! Pediu João, ansioso.

E com o rosto denotando muita alegria, Luísa declarou:

— Nós decidimos adotar uma criança; o que a senhora acha?

— Acho maravilhoso, desde que eu possa dar o primeiro beijo em meu neto! Disse ela emocionada. E abraçando-se, os três choraram de alegria, com a esperança de que uma criança viesse a trazer mais paz e entendimento naquele lar. Tomaram o café e Lídia pediu licença para fazer uma prece de agradecimento pelas bênçãos que Deus lhes concedia. João e Luísa acompanharam Lídia na prece, demonstrando estarem, ainda, sob forte efeito das palavras ouvidas na véspera.

João saiu para trabalhar, dizendo que entraria em contato com a assistente social de um orfanato; iria verificar a possibilidade de se fazer uma visita e quem sabe, conhecer algumas crianças.

Enquanto isso, Abelardo era preparado no plano espiritual, por auxiliares dedicados, ao reencarne oportuno; era esclarecido mais uma vez da necessidade da volta ao corpo físico. Aproveitando a conversa com Arlindo, médico abnegado que trabalhava assistindo e coordenando a espíritos em preparo reencarnatório, Abelardo perguntou:

— E Augusto vai voltar comigo para a vida na Terra?

Arlindo serenamente elucidou:

— Todos nós devemos voltar ao palco das reencarnações para o progresso desejado; no entanto, o espírito rebelde em aceitar o remédio da reencarnação, pode se ver obrigado ao retorno de forma compulsória; ou seja, retorna contra a própria vontade, mesmo que seja para breve estadia no corpo físico, podendo acontecer o desencarne após o nascimento. Mas a bondade de Deus, auxiliando ao recalcitrante no mal, concede a bênção do contato com o corpo físico, o que lhe melhora, em muito, as condições vibratórias que, pela permanência nos pensamentos tormentosos, podem lhe desfigurar o perispírito. Nada acontece por acaso e as leis naturais regem o roteiro de todos para auxiliar o viajante da eternidade em sua trajetória evolutiva. Isso é tudo que posso falar por agora; procure descansar para que, no momento em que a oportunidade chegar, você esteja preparado.

A manhã passou depressa; o telefone tocou e Luísa correu para atender.

— Alô! E então, querido, marcou a hora da visita ao orfanato?

Do outro lado João respondeu:

— Ainda não; antes de irmos até lá, vamos ver Elisa, a assistente social, a qual pediu que tivéssemos uma conversa com ela, quando nos serão esclarecidos alguns pontos, até mesmo para que possamos fazer a escolha certa. Tudo bem, amor? Contendo a frustração, mas tendo diante de si a lógica e o bom senso, Luísa aquiesceu.

— Tudo bem, João, entendo essas coisas; você me pega às quatorze horas para irmos à assistente social. É isso?

— Sim, apanho-a às quatorze. Um beijo despediu-se, João, desligando em seguida.

Lídia, que acompanhava tudo de longe, aproximou-se e perguntou:

— Filha, o que deu em você que a leva agora a procurar o recurso da adoção?

— Ainda sonho em gerar meu filho, mamãe, mas acho que a adoção vai ajudar a desligar-me um pouco, diminuindo assim minha ansiedade, auxiliando no meu intento de ser mãe. Além disso, compreendi, depois daquela palestra, que posso fazer algo por alguém. Não é verdade?

Luísa demonstrava nova força com essas afirmações.

Lídia, por sua vez, olhava para ela fixamente, dizendo:

— Ótimo, filha, pode contar comigo para auxiliar lhe na realização dos seus planos. Seja adotado ou natural, devemos amar muito essa criança! Sentenciou Lídia, sorridente.

Augusto, que acompanhava a conversa, dizia para seus parceiros:

— Vamos providenciar para que isso não se realize; custe o que custar!

Chegou enfim o horário de João Carlos vir buscá-la para a entrevista com a assistente social. Luísa, ansiosa, convidou Lídia para acompanhá-los na entrevista, mas esta declinou do convite, preferindo ficar em casa, pois tinha compromisso no centro espírita aquela noite. Era reunião de desobsessão, e essa é uma tarefa que requer muito recolhimento do médium, para poder efetivamente assistir aos irmãos desencarnados que sofrem. Lídia então disse para a filha:

— Vá com João Carlos que ficarei aqui aguardando vocês!

— Tudo bem, mamãe; ver-nos-emos daqui a pouco, então!

Dando um beijo em sua mãe, Luísa se despediu, e saiu esperançosa com a possibilidade de realizar seu sonho.

Lídia vai para seu quarto, buscando a meditação e a prece, como preparativo dos trabalhos da noite.

A tarefa desobsessiva é caridade e realização para aquele que abraça esse verdadeiro labor cristão.

Irmãos necessitados se acercam dos médiuns tarefeiros da seara desobsessiva; é a mais pura expressão de doação a alguém que não se conhece, mas que é um irmão necessitado de amparo e esclarecimento. Espíritos ignorantes de sua própria condição de viverem no além-túmulo, manifestam-se nessas reuniões, carentes de compreensão e auxílio, amor e dedicação, participando de tramas terríveis e servindo de alerta àqueles que estagiam na carne.

Lídia era uma dessas almas que não desejava ser maior que a tarefa; ansiava por simplesmente servir, e tinha a consciência de que poderia ser útil a irmãos em sofrimento.

João chegou com Luísa à sala de espera para a entrevista com a assistente social; enquanto aguardavam, comentavam:

— Lu, será que encontraremos uma criança de imediato?

— Acho que sim! Afinal existem tantas crianças desamparadas ; não é mesmo?

— É verdade. Vamos escolher menino ou menina?

— Acho melhor nós aguardarmos e deixar o coração revelar! Disse ela confiante.

A conversa foi interrompida por uma voz feminina que vinha de uma sala:

— João Carlos Ribeiro...

— Somos nós! Falou ansiosa Luísa.

— Vamos, vamos! Chama João.

Eles entraram na sala e uma mulher jovem, de rosto alegre, os cumprimentou:

— Boa tarde!

— Boa tarde! Responderam os dois ao mesmo tempo.

— Meu nome é Elisa. Recebi o telefonema do Dr. João Carlos, mas não poderia liberar a visita às crianças sem esta entrevista, para podermos sentir as disposições do casal, em realmente adotar uma criança. É uma rotina necessária para se fazer uma triagem prosseguiu ela. A criança necessita de um lar, precisa de nossa ajuda, para que pessoas de bem realmente possam levar até o final o seu projeto adotivo. Depois dessa etapa nós iremos até a sua casa para uma inspeção; também é rotina, mas precisamos saber se lá tem dependências adequadas para o crescimento sadio de uma criança.

— É um passo muito importante, e as pessoas têm que saber o tamanho do compromisso que estão assumindo.

— Seria desastroso para as crianças, que já sofrem com a orfandade, passarem pelo trauma de serem rejeitadas, uma segunda vez. É preciso deixar tudo isso claro para que, se o senhor e a senhora desejarem pensar mais um pouco a respeito, sintam-se à vontade para isso.

E olhando para os dois, pediu que preenchessem um questionário sobre a condição do casal, e o porquê do desejo em adotar uma criança. Pediu licença e os deixou à vontade para responderem as questões.

Luísa, beijando o rosto de João, disse com esperança:

— Se soubesse do prazer que esse ato me daria, já teria adotado antes. Sabe, João, algo me diz que a criança que escolhermos será colocada por Deus em nosso caminho e nós cuidaremos dela com muito amor e ela muito nos amará, tenho certeza!

— Estou com você! Concordou ele.

A assistente retomou à sala e falou para o casal:

— Telefonei pedindo autorização para o juiz permitir a sua visita ao orfanato, ainda hoje, se desejarem; o que acham?

— Eu adoraria! Luísa respondeu ansiosa.

— Tudo bem! concordou João.

Sendo assim, aguardem um pouco mais, que seguiremos para o orfanato dentro de alguns minutos; ok?

João e Luísa entreolharam-se e, sorrindo, abraçaram-se, esperançosos.

Depois de alguns minutos a assistente social retornou chamando-os para seguirem ao orfanato:

— Vamos em meu carro! Disse ela.

— Tudo bem! Concordou João!

O orfanato ficava ali perto, e em breves minutos os aspirantes à paternidade chegavam ao local.

Uma senhora de muita educação recebeu-os à porta. Tratava-se de Leonor, dirigente daquela instituição.

— Sejam bem-vindos! Disse ela, recepcionando-os.

— Boa tarde! Cumprimentou Elisa.

— Tudo bem? Completou Luísa.

Elisa já houvera telefonado para Leonor, dando ciência a ela do interesse do casal em adotar uma criança.

— Vamos até o pátio! Convidou Leonor. As crianças estão lá, neste momento, todas brincando; assim vocês podem observá-las melhor! Perdoe-me; o seu nome é... Dirigindo-se a Luísa.

Esta, que se apresentou e pediu desculpas, pois estava tonta com a visão e a possibilidade de poder levar uma daquelas crianças para casa, disse:

— Perdão, meu nome é Luísa e este é meu marido João Carlos!

— Muito prazer! Disse João também emocionado.

Elisa interrompeu os três, desculpando-se. Dizia ela:

— Fui eu quem os trouxe aqui, não é mesmo? Cabe a mim a apresentação.

O riso foi geral. Estavam todos torcendo para que o jovem casal encontrasse alguma criança que lhes tocasse o coração. Leonor então afirmou:

— Todas as crianças que vocês verem neste pátio estão livres para adoção. É claro que os mais velhos têm maiores dificuldades em encontrar um lar; as pessoas procuram normalmente as crianças pequenas para a adoção.

Costumo dizer, segundo a minha crença, que quem acaba escolhendo por nós é Deus, pois algo nos impele para determinada criança, e, como acredito que o acaso não promove nada, fico então com a certeza de que algo divino nos influencia na escolha.

E olhando para João e Luísa dirigiu-se a Elisa, dizendo assim:

— Vamos deixá-los à vontade. Qualquer coisa, estaremos em minha sala aguardando vocês dois. Tudo bem?

— Tudo bem! Respondeu João.

E, de mãos dadas com a esposa, começou a caminhar em meio às crianças que os abordavam.

— Você quer ser meu pai? Perguntou um menino, segurando a mão de João Carlos.

E outro, e mais outro, foram se chegando e emocionando Luísa que, sem conseguir se conter, acabou chorando.

João olhou para ela e pediu para que se controlasse, porque ele poderia acabar chorando também, e não seria bom deixarem-se ser levados pela emoção somente. Era preciso equilíbrio para não perder o discernimento.

Luísa sorriu para todos; olhou em sua volta e pensou no desejo que acalentava de ser mãe, e não entendia como uma mulher podia abandonar uma criança, deixando-a ao desamparo.

OS ÓRFÃOS

Meus irmãos, amai os órfãos! Se soubésseis quanto é triste estar só e abandonado, sobretudo quando criança! Deus permite que existam órfãos, para nos animar a lhes servirmos de pais. Que divina caridade, a de ajudar uma pobre criatura abandonada, livrá-la da fome e do frio, orientar sua alma, para que ela não se perca no vício! Quem estende a mão a uma criança abandonada é agradável a Deus, porque demonstra compreender e praticar a sua lei. Lembrai-vos também de que, frequentemente, a criança que agora socorreis, vos foi cara numa encarnação anterior, e se o pudésseis recordar, o que fazeis já não seria caridade, mas o cumprimento de um dever. Assim, portanto, meus amigos, todo sofredor é vosso irmão e tem direito a vossa caridade. Não a essa caridade que magoa o coração, não a essa esmola que queima a mão que a recebe, pois o vosso óbolo é frequentemente muito amargo! Quantas vezes eles seriam recusados, se a doença e a privação não os esperassem no casebre! Dai com ternura, juntando ao benefício material o mais precioso de todos: uma boa palavra, uma carícia, um sorriso amigo. Evitai esse ar protetoral, que revolve a lâmina no coração que sangra, e pensai que, ao fazer o bem, trabalhais para vós e para os vossos.
Um Espírito Familiar, Paris, 1860.

REENCONTRANDO HELENA E EUGÊNIA

Bendito esquecimento do passado que nos auxilia a reparar nossos erros e realizar compromentimentos com irmãos em evolução, como nós.

Luísa olhava para todos e não sabia que atitude tomar, quando de repente olhou para duas meninas que saíam do banheiro de mãos dadas. Sentiu uma emoção profunda em sua alma; era algo que não sabia explicar.

Uma comoção muito grande foi tomando conta de todo seu ser; seus olhos marejaram-se e o coração batia mais apressado. As duas sentaram-se ao longe, como se estivessem esperando o gesto de amor e de reparação que as conduziria de novo ao grande espetáculo da vida. Ela olhava com ternura as duas meninas e enternecia-se com a forma que uma zelava pela outra; puxou João pelas mãos e caminhou até elas. Sentia que estava se reencontrando; não sabia explicar, mas algo lhe dizia que aquelas meninas não eram estranhas. Caminhou, acercou-se, abaixou-se em frente às duas. João só observava a esposa, que parecia hipnotizada. Espíritos protetores rejubilavam-se com o encontro; almas ligadas por laços de amor a estas criaturas presenciavam a reaproximação e sorriam ao testemunhar mais uma vez a grandeza do amor de Deus, que nos permite caminhar com os desafetos de outrora, para juntos aprendermos a amar e seguir unidos para a nossa redenção.

Eram Marta e Raquel, duas irmãs que foram abandonadas pela mãe, que se encontrava equivocada na prostituição. Através de denúncias de vizinhos, o juiz havia retirado o poder da mãe e as meninas se encontravam agora livres para adoção. Várias tentativas foram feitas para reintegração das meninas junto à verdadeira família, mas a mãe não gozava de conduta moral adequada, a avó não tinha condições financeiras para assumir as crianças; não restando outra alternativa, a justiça assumiu a guarda.

Luísa tentou o primeiro contato; Marta, a mais velha, com seis anos, sorriu. Raquel, com quatro anos, recuou assustada, um pouco temerosa com aquela mulher que chorava à sua frente.

João, atento ao que se passava, chamou Luísa de lado e perguntou:

— Você não queria adotar uma criança de colo Luísa?

Sem tirar os olhos das pequenas, ela respondeu:

— Acho que Leonor tem razão: é Deus que escolhe por nós; gostaria de adotar estas duas!

Não contendo o assombro, João perguntou:

— O que você está dizendo?

E abaixando-se junto à menor, Luísa tocou com o dorso da sua mão aquele rosto expressivo, que ela não sabia identificar, mas que lhe tocava profundamente na alma, e respondeu:

— Gostaria de adotar as duas!

Eles não perceberam que, de longe, Leonor e Elisa vibravam com a cena; seria muito difícil que aquelas meninas fossem adotadas, pois as pessoas não queriam separar as duas irmãs, e também existia a dificuldade delas não serem mais bebês. Amílcar que se encontrava em meio às entidades que se alegravam com aquele reencontro, falou:

— Façamos uma prece por esse momento jubiloso para todos nós!

E sem que os encarnados percebessem, em sua volta entidade amigas oravam pela bênção que todos recebiam.

Assim, tudo dependeria do livre arbítrio de cada um. Eugênia retornara ao mundo físico como Marta, a amiga zelosa de outrora, mas cúmplice no aborto; ela amparava a irmã Raquel, a mesma Helena que se despediu da Terra, pela imprudência no aborto delituoso de sua vida passada. Gerusa, a nossa pretendente à maternidade, receberia em seu lar a jovem que lhe fora vítima da prática abortiva e a amiga assassinada.

A bênção da reencarnação! Só através dela consegue-se compreender os liames da justiça divina, o amor celestial de Deus, o amor que nunca pune e sim educa, o amor que nos ensina a resgatar os débitos do passado através da possibilidade de se aprender a amar àqueles que se comprometeram conosco em existências transatas. E o mecanismo que nos leva a pensar que o parente difícil de hoje pode ser um irmão a quem prejudicamos outrora. Enfim, estamos juntos para crescer e devemos aproveitar a oportunidade que nos é concedida.

Leonor aproximou-se do casal e perguntou:

— Vocês gostaram das duas irmãs?

Luísa, não conseguindo esconder a satisfação em saber que aquelas duas crianças lindas eram irmãs e podiam ser suas

filhas do coração, emocionada, perguntou:

Elas podem ser adotadas, não podem?

— Claro que sim! Respondeu Elisa, que chegava sorridente.

Luísa conversou mais alguns minutos com as meninas e percebeu que Raquel era muito arredia, mas acreditava que com o tempo tudo ficaria bem. João deixou Luísa com as pequenas e foi até o escritório de Leonor, para saber sobre a origem das meninas e tomar informações sobre como proceder.

A esposa não conseguia decidir nada, tal a emoção que tomou conta dela. Experimentava uma ternura muito grande por Marta e tentava ser carinhosa e terna com Raquel; estava ali embevecida com seus pensamentos, quando João a chamou:

— Luísa, precisamos ir embora; combinei com dona Leonor que as meninas passem o próximo final de semana em nossa casa. A assistente social vai providenciar a autorização do juiz, para nós; o que você acha?

— Eu concordo, João. Não podemos ficar mais?

— Precisamos ir, Luísa; já são 18 horas! Ah! Ia me esquecendo: amanhã Elisa irá conhecer nossa casa.

— Tudo bem, deixa-me despedir das meninas!

E, caminhando até as meninas, com um longo abraço, despediu-se emocionada.

João estava feliz; ele sempre gostou muito de criança e agora iria experimentar a paternidade, e pelo jeito, seria pai de duas meninas de uma só vez. Luísa não via a hora de chegar em casa para contar tudo para a mãe. Lídia iria levar um susto quando soubesse que quem não desejava a adoção, decidira-se e logo por duas crianças; a novidade assustaria qualquer um.

Chegaram em casa e ela correu para o quarto da mãe para contar a boa nova; entrou gritando e Lídia assustada foi ao seu encontro.

— Mãe, a senhora não vai acreditar: eu e o João vamos lhe dar duas netas!

— Que é isso, filha? É verdade, João? Perguntou Lídia, estranhando tudo aquilo.

— É sim, dona Lídia; sua filha se apaixonou por duas meninas do orfanato, as irmãs Marta e Raquel; elas foram abandonadas pela família, que não tinha condições de criá-las! Disse João entusiasmado. Também me encantei, é claro, e já acertamos para que elas venham passar o próximo final de semana aqui em casa; assim poderemos conhecê-las melhor e permitir que possam se adaptar conosco também!

E olhando para a mãe com os olhos lacrimosos, Luísa comentou:

— Elas são lindas, mamãe! Vamos acordar amanhã bem cedo e preparar o outro quarto para recebê-las. O que você acha?

Lídia, sentindo a alegria da filha com a vinda das meninas, emocionou-se, pois sabia que nada acontecia por acaso.

E pensava enternecida: "Quem serão essas duas irmãs que chegarão, para unidos aprendermos a nos amar?"

E disse para a filha:

— Luísa, quero que você fique feliz; este gesto de adoção demonstra uma maturidade muito grande da alma que toma esta iniciativa. Vocês dois serão abençoados, com certeza, e no que puder ajudar, estarei à disposição, como uma boa avó deve ficar!

E, sorrindo, abraçou Luísa e João, desejando-lhes toda paz do mundo.

O AUXÍLIO ESPIRITUAL

Existia alguém que não estava nem um pouco satisfeito com aquela situação: era Augusto que, enraivecido, comentava com um companheiro seu:

— Isso não vai durar muito; quem serão essas crianças que vêm morar aqui?

E seu companheiro de desdita redarguiu:

— Assim que descobrirmos, faremos o possível para acabar com essa alegria.

Preocupado com o que via, Augusto chama seus parceiros e traça um plano para envolver João Carlos e tentar impedir a tão desejada adoção. Ele se culpava por não ter acompanhado o casal aquela tarde, não tomando conhecimento de que se tratava. Reunido com seus iguais, dá as ordens para que o plano seja colocado em prática e disse:

— Vocês lembram-se daquele rapaz que este advogadozinho tirou da cadeia, aquele dia em que nós o acompanhávamos?

— Lembro-me, sim! respondeu Eliseu, um dos comparsas de Augusto.

— Pois bem, continuou Augusto. Hoje ainda, vamos até ele e o envolveremos em pensamentos perturbadores que o levem a ingerir uma grande quantidade de droga; e depois que estiver totalmente à mercê de nossos desejos, vamos fazê-lo atrair o doutorzinho até um local, onde outros encarnados que simpatizem com nossos ideais sejam influenciado a dar cabo dele. Entenderam?

As três entidades que acompanhavam Augusto, no plano odioso, assentiram com a cabeça e sorriram antegozando o sucesso dos seus intentos.

Amílcar estava presente, mas não era notado pelas entidades desarvoradas. Tomando conhecimento do plano de Augusto, ele intuiu pensamentos preventivos na mente do jovem advogado. João, então, lembrou-se daquele cliente viciado e compadeceu-se dos pais do garoto, pensando consigo mesmo: "Por que será que estou lembrando disso agora?"

Dando de ombros, mudou os pensamentos para outros fatos.

Chegou a hora de Lídia ir para o centro espírita; toda quarta-feira religiosamente ela cumpria aquela rotina de não faltar à reunião. Passou pela sala e viu Luísa conversando com João; sentiu um calafrio e despediu-se dos dois:

—Até mais tarde, filha! Tchau, João!

— Até mais tarde mamãe! Respondeu Luísa.

— Até, dona Lídia! Cumprimentou João.

Depois que Lídia saiu de casa, João olhou para Luísa e disse:

— Não sei por que, Luísa; estou com um mau pressentimento. A todos os instantes lembro-me de um cliente, que consegui, outro dia, em audiência tumultuada, liberar da prisão, para tratamento contra o uso de drogas; a todos os instantes vem-me a imagem dele...

— Estranho não é, João?

— É sim meu bem, mas hoje não tenho a menor vontade de sair de casa!

— Então não saia, amor; vamos mudar de assunto e fazer um lanche. Que tal?

— Ótima ideia, querida; vamos lanchar e fazer nossos planos para as meninas. Aliás, faz cinco minutos que você não fala mais nelas! Dizia ele sorrindo.

Lídia cumprimenta fraternalmente os companheiros de trabalho do centro espírita.

— Boa noite, seu Álvaro!

— Boa noite, Lídia!

— Boa noite a todos; muita paz!

Ela saudou os presentes e sentou-se à mesa; eram oito pessoas que completavam a equipe de trabalho.

Álvaro era o dirigente encarnado, responsável pela doutrinação das entidades manifestantes. Havia dois médiuns de psicofonia: Lídia e Eustáquio; um psicógrafo: Galindo; dois médiuns responsáveis pela sustentação das tarefas, ou seja, das preces de apoio para manter a vibração em níveis de harmonia: Sílvio e Léia; a médium vidente era Amélia que auxiliava o doutrinador encarnado e, finalizando, o grupo também em composto por uma pessoa que fazia anotações referentes às comunicações, analisava a ficha das pessoas assistidas pelo centro espírita e estudava o caso dos espíritos comunicantes, fazendo dessa forma um controle sobre a assistência prestada; tratava-se de Germano.

No lado espiritual, a equipe era comandada por Hilário, espírito vinculado a Álvaro há algumas encarnações, comprometidos mutuamente com tarefas de auxílio a irmãos em sofrimento.

Amílcar chegou ao centro espírita e saudando fraternalmente a Hilário, perguntou:

— Então, Hilário, tudo pronto para o socorro desta noite?

Sorridente, Hilário respondeu:

— Seja bem vindo, Amílcar; muita paz! Estamos preparados para o socorro preciso; os companheiros socorristas, após a prece de abertura das tarefas e leitura do evangelho, vão se dirigir até o lar de nossa irmã Lídia para trazerem Augusto até aqui!

— Esperamos que nossos propósitos de auxílio alcancem o sucesso desejado! Observou Amílcar.

— Aguardemos em Cristo! Falou Hilário.

E voltando-se para Álvaro, Hilário o envolveu em vibrações fraternas, intuindo o início dos trabalhos.

Álvaro, sentindo a presença amorosa do amigo espiritual, captou o pensamento e convidou os seareiros para a prece de abertura dos trabalhos da noite.

Designou, para isso, Léia, que, assentindo com a cabeça iniciou a prece da noite:

— Senhor Jesus, mestre divino, abençoa as tarefas da noite, permite que irmãos ainda presos a sentimentos de vingança, ou confusos pelas ligações com a carne, possam ser esclarecidos, amparados e assistidos pela tua misericórdia.

Ampara Senhor o nosso propósito no bem, auxilia-nos nos sentimentos cristãos, de amar os nossos irmãos que se encontram afastados do teu aprisco. Conduze, Senhor, a nossa reunião, na tua paz, e nos fortalece hoje e sempre nas tarefas de amor que a doutrina espírita nos ensina! Assim Seja!

Trabalhadores do plano espiritual, unidos com os encarnados na prece de abertura, movimentavam-se prestimosos para os atendimentos da noite. A impressão que se tinha era a de estar em um pronto socorro da Terra; não deixava de ser um posto de atendimento, mas no lado espiritual da vida. Movimento intenso instalou-se no ambiente.

Macas eram trazidas com entidades em situação de dor intensa; espíritos com semblantes dementados eram preparados para ouvir e aprender com as comunicações da noite; enfermeiros amigos atendiam a dor que recrudescia nos corações em desajuste.

Tudo isso acontecia com a mais perfeita organização; os companheiros que deveriam se comunicar, naquela noite, já se encontravam assistidos pelos irmãos responsáveis pelo trabalho. A comunicação de alguns serviria para muitos outros que estavam passando pela mesma situação de dor, ou de ignorância, desconhecendo até mesmo a sua situação de desencarnado.

Após a prece, iniciou-se a leitura de um texto evangélico, do livro **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, que foi aberto ao acaso, caindo a lição da noite no capítulo XII, itens 5 e 6, trazendo a seguinte mensagem:

OS INIMIGOS DESENCARNADOS

O espírita tem ainda outros motivos de indulgência com os inimigos. Porque sabe, antes de mais nada, que a maldade não é o estado permanente do homem, mas que decorre de uma imperfeição momentânea, e que, da mesma maneira que a criança se corrige dos defeitos, o homem mau reconhecerá um dia os seus erros e se tornará bom. Sabe ainda que a morte só pode livrá-lo da presença material do seu inimigo, e que este pode persegui-lo com o seu ódio, mesmo depois de haver deixado a Terra. Assim, a vingança assassina não atinge o seu objetivo, mas, pelo contrário, tem por efeito produzir maior irritação, que pode prosseguir de uma existência para outra. Cabia ao Espiritismo provar, pela experiência e pela lei que regem as relações do mundo visível com o mundo invisível, que a expressão: extinguir o ódio com o sangue é radicalmente

falsa, pois a verdade é que o sangue conserva o ódio no além-túmulo. Ele dá, por conseguinte, uma razão de ser efetiva e uma utilidade única ao perdão, bem como a máxima do Cristo: Amai os vossos inimigos.

Não há coração tão perverso que não se deixe tocar pelas boas ações, mesmo a contragosto. O bom procedimento não dá, pelo menos, nenhum pretexto a represálias, e com ele se pode fazer, de um inimigo, um amigo antes e depois da morte. Com o mau procedimento, ele se irrita e é então que serve de instrumento à justiça de Deus, para punir aquele que não perdoou.

Pode-se, pois, ter inimigos entre os encarnados e os desencarnados. Os inimigos do mundo invisível manifestam sua malevolência pelas obsessões e subjugações, a que tantas pessoas estão expostas, e que representam uma variedade das provas da vida. Essas provas, como as demais, contribuem para o desenvolvimento e devem ser aceitas com resignação, como uma consequência da natureza inferior do Globo terrestre: se não existissem homens maus na Terra, não haveria Espíritos maus ao redor da Terra. Se devemos, portanto, ter indulgência e benevolência para os inimigos encarnados, igualmente as devemos ter para os que estão desencarnados.

Antigamente, ofereciam-se sacrifícios sangrentos para apaziguar os deuses infernais, que nada mais eram do que os Espíritos maus. Aos deuses infernais sucederam os demônios, que são a mesma coisa. O Espiritismo vem provar que esses demônios não são mais do que as almas de homens perversos, que ainda não se despojaram dos seus instintos materiais; que não se pode apaziguá-los senão pelo sacrifício dos maus sentimentos, ou seja, pela caridade; e que a caridade não tem apenas o efeito de impedi-los de fazer o mal, mas também de induzi-los ao caminho do bem e contribuir para sua salvação. É assim que a máxima: Amai os vossos inimigos, não fica circunscrita ao círculo estreito da Terra e da vida presente, mas integra-se na grande lei da solidariedade e da fraternidade universais.

A lição não podia ser mais oportuna; quantos irmãos gravitam em torno de todos nós no dia a dia, tentando nos envolver em pensamentos de ódio e vingança. É claro que essa aproximação acontece pela similitude de pensamentos, ou seja, pela mesma frequência vibracional; andamos em companhia de irmãos que pensam como nós, portanto é imprescindível pensarmos no bem. Como disse o Apóstolo das gentes, "nós estamos rodeados por uma nuvem de testemunhas".

Atraímos os nossos afins na desdita do mau pensamento, ou na alegria de se pensar no bem.

Alguns irmãos necessitados do socorro, ao ouvirem a leitura da noite se identificavam com a situação exposta, de forma muito precisa. O acaso não existe, nada acontece sem um propósito.

Até a mensagem da noite devia ser encarada como parte do tratamento ministrado aos irmãos sofredores.

Álvaro, então, pediu aos tarefeiros encarnados que se concentrassem para o início do atendimento.

Com uma música suave a harmonizar o ambiente, a assistência começou. Hilário, acercando-se de Álvaro, de forma amorosa, fez com que este se aproximasse de Lídia, e através da imposição de mãos foi derramando fluidos sobre o centro de força coronário (alto da cabeça) e pediu-lhe para que se concentrasse no seu lar. Espíritos socorristas se dirigiram para a casa de Lídia; junto com eles Amílcar. Chegara o momento de trazer Augusto para a reunião de esclarecimento e socorro.

Enquanto isso, Eustáquio, médium psicofônico, era preparado para ser o canal utilizado na comunicação de Augusto.

Álvaro inicia outra prece; os irmãos que davam suporte vibracional oravam com fervor ante aquela hora grave.

João Carlos e Luísa estavam conversando animadamente sobre as duas irmãs que queriam adotar, quando foram interrompidos pelo telefonema inesperado. João levantou-se e foi atender, e a voz do outro lado se identificou:

— Alô, é da casa do Dr. João Carlos?

— Sim, é ele quem está falando! Responde João.

— Aqui quem fala é o Juca, doutor; eu estou precisando dos seus serviços. Meu pai pediu para que lhe telefonasse; o senhor pode cobrar o que quiser.

"É o viciado de quem eu estava me lembrando ainda há pouco" pensava João "é ele sim, mas a sua voz está tão estranha!"

E a conversa prosseguia:

— Doutor, nós precisamos do senhor, por favor, venha até aqui!

— Onde vocês estão? Perguntou João.

— Estamos aqui no 5º Distrito Policial de Areia Branca; podemos lhe esperar?

O jovem que pedia auxílio se encontrava totalmente drogado; era uma verdadeira marionete nas mãos de entidades perigosas, que o envolviam magneticamente, induzindo-o a falar o que lhes sugerissem.

Perto do telefone público, mais dois homens aguardavam o desenrolar da conversa; eles esperariam a saída de João Carlos do prédio, para sequestrá-lo e matá-lo, como as entidades desajustadas sugeriam que fizessem.

Juca estava servindo só como isca, para atrair João aos propósitos da dupla de delinquentes. Ele se encontrava na esquina da casa de João, atraindo-o para a morte.

João ouvia aquele apelo com muito receio e sentia no seu coração um aperto. Dentro da sua mente uma voz dizia para não ir, e outra lhe incitava para encontrar-se com o jovem.

Finalizando a conversa, João respondeu:

— Daqui a quarenta minutos mais ou menos estarei aí; está bem?

— Ok, Doutor João! Nós o esperamos!

Desligou o telefone e preocupado comentou com Luísa:

— Sabe, meu bem, não gosto de faltar com as pessoas que precisam de mim, mas, não sei por que, é a primeira vez que não tenho a menor vontade de atender a um chamado!

— Querido, você está cansado! Falou ela.

Augusto, que a tudo acompanhava, sorria com a expectativa de ver seus planos realizados, e mais ainda, de fazer Luísa sofrer com aquela morte. Ele só não sabia que a misericórdia de Deus ampara a todos os seus filhos, e nesse caso não seria

diferente; tanto ele como João eram assistidos por espíritos amigos que, sem interferir no livre arbítrio de cada um, procuravam auxiliar, intuindo e amparando aos desditosos do caminho.

A equipe socorrista chegou à casa de Lídia e Amílcar aproximou-se do irmão Corvelo, que era o espírito responsável pela proteção de nossos irmãos, e perguntou-lhe:

E então, Corvelo, como estão as coisas aqui?

Precisamos tomar medidas urgentes, pois nosso companheiro João está correndo grande perigo! Respondeu Corvelo que explicou o plano das entidades ignorantes.

Amílcar, preocupado, saiu do prédio e volitando rapidamente verificou que, ao lado dos encarnados, que esperavam por João, havia um grupo de desencarnados formando um verdadeiro bando de desajustados em ligação mental escravizante. Retomou ao prédio e reunindo a equipe, disse a todos:

— Nosso irmão João Carlos corre o risco de ter sua encarnação abreviada; vamos nos unir mentalmente para auxiliá-lo!

E esclareceu o seu plano para a proteção almejada:

— Enquanto saio com Corvelo, em busca de uma viatura policial, vocês aguardam em prece, para que nós possamos intuir a polícia a dar uma batida nesta rua, pois os espíritos encarnados que tentarão matar João, carregam consigo drogas, e se a polícia os revistar, fatalmente os levará presos. Tudo bem?

Todos assentiram com a cabeça e Aurélio, um companheiro experiente do plano espiritual, ficaria com a incumbência de atrair Augusto, que não percebia a presença do grupo de trabalho porque se encontrava em uma faixa vibratória mais grosseira. Amílcar e Corvelo buscaram em área próxima ;presença de policiais; não foi difícil localizá-los em viatura nas imediações. Desta forma, Amílcar se aproximou do oficial que conduzia a viatura e, transmitindo a ele pensamentos envolventes, de forma persistente, falou para ele em seu campo psíquico:

— Entre na próxima rua à direita!

O policial, que se encontrava tão distraído na condução do veículo, como um autômato entrou à direita, aceitando a sugestão mental que lhe foi dada; e no momento em que os meliantes avistaram a viatura, precipitadamente, um deles correu, desmantelando, assim, todo plano de ação. Interessante foi que correram os encarnados e os desencarnados também. Alguns deles desconheciam a própria situação de não mais habitarem no corpo físico, comportando-se como se ainda usassem a vestimenta carnal. Como eram espíritos que durante a vida na carne tinham débitos com as leis da sociedade, e desencarnaram assim, ainda se sentiam devedores. Eles continuavam no mundo espiritual com a cobrança da própria consciência a lhes torturar.

A polícia, então, notando aquela debandada geral, ligou a sirene e partiu em perseguição aos marginais, que não conseguiram lograr a fuga desejada.

João Carlos, que nada sabia, despediu-se de Luísa e saiu de casa para ir ao distrito policial, sem se dar conta de que fora auxiliado, como todos o são pela misericórdia divina. Chegando à rua ele observou o movimento grande de pessoas, ao lado do edifício em que morava, e passando ao lado de um homem de meia idade, ouviu-o comentar:

— A polícia prendeu os marginais. Eles estavam ainda há pouco aqui mesmo. Não sei o que tramavam; talvez um assalto! João, sem se dar conta de que ele era o motivo daquela agitação, seguiu seu caminho em direção ao distrito policial.

O SOCORRO A AUGUSTO

Muitas vezes nos queixamos de algumas coisas que desejamos, mas com certeza é aquilo que necessitamos.

A sabedoria celestial nos sustém de tudo que é necessário para a nossa evolução, mas nossos olhos limitados às coisas da vida presente não enxergam as carências do espírito.

Amílcar, de volta ao interior da casa de Luísa, conversava com as entidades amigas:

— Bem, meus amigos, agora vamos levar Augusto para a reunião de desobsessão; nossos companheiros aguardam a presença dele para o socorro oportuno!

Augusto, que aguardava ao lado de Luísa notícias sobre João, não se dava conta do que estava acontecendo.

Era uma criança rebelde que não queria tomar o medicamento amargo para melhorar a própria saúde espiritual.

Mas Deus, nosso Pai de amor e misericórdia, não retira da escola planetária o filho repetente nas lições da vida; pacientemente aguarda o nosso despertar, para as verdades espirituais. Quando nossos atos prejudicam a evolução de muitos, somos tratados como crianças teimosas recebendo contra a vontade o remédio indicado.

Amílcar se fez visível para Augusto que, revoltado com o fato dele ter levado Abelardo, pôs-se em posição agressiva:

— O que é que você quer aqui? gritou com ódio.

— Eu gostaria de conversar mais uma vez!

— Não existe nada que possamos conversar! bradou Augusto descontrolado.

— Calma, meu amigo! A revolta é prejudicial à sua situação; procure se acalmar!

Sem perceber, Augusto foi envolvido por fluido calmante ministrado pelas entidades do grupo de socorro.

Amílcar, ciente do que estava acontecendo, aproveitava o momento para se aproximar de Augusto.

E, com inflexão de carinho na voz, disse-lhe:

— Augusto, você está cansado desta perseguição; dê-nos uma chance de lhe ajudar!

— Eu estou me sentindo mal; que recursos você está utilizando para que me sinta assim, com esta moleza em meu corpo? falou Augusto pausadamente.

— É o amor de Deus que lhe assiste nesta hora; por favor, aceite! Apelou Amílcar.

E, tentando se rebelar, Augusto respondeu:

— Você vai me pagar por isto!

E, demonstrando muita sonolência, foi abraçado por Amílcar, que o sustentou. Enfermeiros trouxeram uma maca e todos partiram rumo ao centro espírita para o auxílio aguardado. Através da mediunidade de Eustáquio, nosso enfermo seria assistido.

O processo do intercâmbio mediúnico acontece nas bases da mente e no envolvimento do perispírito do médium com o da entidade comunicante; portanto o termo "incorporação" não é adequado para expressar o que realmente acontece durante a comunicação mediúnica. Nosso corpo físico está ligado célula a célula, molécula a molécula ao perispírito, impossibilitando que outro espírito utilize nosso corpo; sendo assim, não pode acontecer a "incorporação", e sim o contato mente a mente, perispírito a perispírito. O médium sente o envolvimento da entidade que lhe passa a sua situação; na maioria das vezes o médium registra em si mesmo as aflições que o comunicante apresenta.

É evidente que o médium esclarecido e educado sabe da sua responsabilidade, filtrando as colocações impróprias e a conduta agressiva, evitando pancadas na mesa e comportamentos esdrúxulos. Por isso, é fundamental o estudo e a participação em reuniões de educação mediúnica, conforme orientação de Allan Kardec em O Livro dos Médiuns.

Álvaro, percebendo a presença de entidade perturbada ao lado de Eustáquio, caminhou até ele e impondo as mãos sobre seu centro de força coronariano, iniciou uma prece. À medida que Álvaro orava, Augusto ia envolvendo fluidicamente Eustáquio, que passivamente deixava-se conduzir.

Augusto então sentiu-se imantado fluidicamente a Eustáquio e despertando, esbravejou:

— É esta ajuda que vocês querem me dar?

— Seja bem-vindo meu irmão! Declarou Álvaro.

— Como, bem-vindo, se me sinto preso aqui!? Por acaso vocês recebem seus convidados com algemas?

Augusto não sabia que era o médium que, com seu conhecimento, também o cingia de forma magnética para a comunicação precisa. Entidades amigas, ligadas por laços de amor ao comunicante, encontravam-se ali, naquele ambiente, orando, para que ele despertasse daquela situação. E o diálogo prosseguia com Augusto dizendo:

— O que vocês querem de mim, afinal?

— Queremos ajudá-lo respondeu Álvaro intuído por Hilário. Você é muito inteligente e sabe que esta situação de vingança só está lhe prejudicando. Você abdicou-se da oportunidade de reencarnar, e agora procura em vão fazer justiça com as próprias mãos.

— A mim ninguém prejudica sem o devido revide! Falou Augusto, encolerizado, que prosseguiu: Vocês já conseguiram enrolar o Abelardo, mas a mim vocês não vão enganar com esta lábia!

À medida que o diálogo se desenvolvia, Augusto recebia atendimento. Encontrava-se desarmonizado fluidicamente; seu perispírito mostrava deformidades pela permanência constante nos pensamentos de ódio.

Hoje a ciência médica atesta que o indivíduo que pensa de forma rancorosa, com ódio, com pensamentos de ciúme exacerbado, aquele que, enfim, estagia na carne com sentimentos de baixo teor vibratório, está plasmando para o futuro doenças degenerativas. Ao contrário, o indivíduo que cultiva o hábito da prece, aquele que sorri, que demonstra equilíbrio diante de situações difíceis, está imune a determinados tipos de doenças. O seu sistema imunológico reage à sua forma de pensar. A medicina humana caminha a passos largos para comprovação de que o homem não é um feixe de músculos, simplesmente, e que o pensamento não é uma secreção do cérebro. Em breve o orgulhoso cientista se curvará à realidade do espírito imortal que comanda o corpo humano, de onde deriva todo e qualquer desajuste que a criatura humana possa apresentar.

Augusto, aos poucos, se apercebia que o amor de Deus novamente o convidava para uma mudança de conduta, chamando-o para uma reflexão nos próprios atos.

Hilário, em justa sintonia com Álvaro, firmando em sua mente, através da glândula pineal, acionou em seu cérebro, na região responsável pela fala, a psicofonia. A junção perispírito a perispírito era perfeita, em uma simbiose que demonstrava as bênçãos de amor ocorridas entre os dois planos da vida, na mediunidade com Jesus. Desta forma o dirigente desencarnado iniciou prece fervorosa que dedicou a Augusto, buscando tocar o coração daquele irmão desditoso:

"Luz dos viajantes

Estrela que conduz

A ti nós suplicamos

Socorre-nos Jesus.

Temos sede de amor

Perdidos na escuridão

Resgata-nos da dor

Nos ensina o perdão.

Viajamos iludidos

Pela própria iniquidade

Tropeçamos combalidos

Socorre-nos, piedade.

Nos perdemos no orgulho

Que nos cega e enlouquece

Apascenta nossa alma

Nos abençoa nesta prece.

Ilumina esse irmão
Que no ódio se mantém
Nos ensinando o caminho
Da luz, do eterno bem.
Rogamos a intervenção
Mestre que conduz
Teus irmãos em eternidade
Assim Seja! Senhor Jesus!"

Uma luz de safirina beleza envolvia a todos naquele ambiente. Augusto sentiu-se comovido pelas palavras de amor que, quando pronunciadas, emitiam, com sua vibração, uma sonoridade que enternecia aos presentes; lágrimas abundantes começavam a rolar pela sua face; lágrimas represadas pelo orgulho e pelo sentimento de vingança que carregava há muitos anos dentro do próprio coração. Não cabia mais nenhuma colocação, palavra alguma precisava ser dita.

A Augusto bastava a própria dor. Com carinho fraternal foi conduzido para um hospital no plano espiritual, onde receberia tratamento adequado para o reequilíbrio de que carecia.

Com uma prece de profunda gratidão, o trabalho da noite foi encerrado, dando a todos os participantes a certeza da consciência tranquila e da caridade praticada.

Lídia retorna para o lar, feliz, pois no momento da comunicação de Augusto, pode acompanhar tudo com muita atenção, e principalmente com muita fé de que as coisas iriam melhorar na vida de Luísa.

O FIM DE SEMANA ...

Finalmente chegara o grande dia aguardado por todos João nem foi trabalhar na tarde de sexta-feira; Luísa não conseguia esconder o contentamento e Lídia já assumia o papel de avó, preocupando-se com as meninas.

Festivamente os três se dirigiram ao orfanato, para o esperado final de semana com as pequenas.

Foram recebidos com muito carinho por Leonor que sorrindo os saudava, dizendo:

— Boa tarde! Que bom que vieram. As garotas já estão prontas e esperam ansiosamente lá no pátio.

— Olá Leonor! Cumprimentou Luísa: Tudo pronto? Podemos levá-las?

— Esperem um minuto, enquanto vou pegar a autorização no escritório. Podem chamá-las; elas estão sentadinhas ali no pátio!

Os três foram até as meninas e avistando-as, de longe, Luísa apontou-as para sua mãe, que se emocionou ao ver as duas irmãs e intimamente disse para si mesma:

— Bendita seja a reencarnação, que coloca em nosso caminho espíritos, para o reencontro em mais uma lição onde aprenderemos a nos amar.

Com um sorriso luminoso na face, Luísa se aproximou de Raquel e Marta, abraçando-as e beijando-as com carinho e ternura.

João, vendo aquele quadro feliz, não se conteve e exclamou:

— Tem que dar certo!

Luísa apresentou Lídia para as meninas e começaram a conversar e fazer planos para o final de semana.

A alegria foi interrompida pela chegada de Leonor que, com um papel nas mãos, falou sorridente:

— Aqui está o passaporte para essa viagem de amor; que vocês possam se descobrir nesse final de semana.

— Até segunda-feira! ...

Beijando Raquel e Marta, Leonor se despediu das órfãs

— Pode deixar! Falou João com alegria. Elas estarão bem cuidadas!

Todos, então, dirigiram-se para o carro e partiram sem rumo, tamanha era a festa e brincadeiras que faziam, conseguindo arrancar, até mesmo de Raquel, doces gargalhadas de encantamento.

Naquela tarde eles já saíram do orfanato e foram comer pastéis com as meninas; depois foram a um parque de diversões, onde todos, inclusive Lídia, puderam andar em ninhos e na roda gigante.

Exaustos, foram para casa. Luísa havia comprado roupas para as pequenas e tinha preparado o quarto para as duas.

Entrando em casa, Lídia disse: — Então, vamos tomar banho e experimentar roupas novas?

— Oba! gritou Luísa, se fazendo criança também.

Raquel olhou para Luísa e Lídia e disse:

— Eu já tive muitos vestidos bonitos!

— É verdade? Perguntou Luísa brincando.

— Tive sim; quando eu era maior e tinha os cabelos grandes, eu tinha outra mãe e muitos vestidos com renda!

— Como assim? Perguntou Luísa, curiosa.

— Ela sempre fala isso! Interrompeu Marta, esclarecendo. Ela vive dizendo que teve outra mãe e que tinha muitos vestidos bonitos.

Lídia, que a tudo escutava, emocionou-se e falou, cortando a conversa:

— Vamos tomar banho; depois conversaremos sobre os vestidos, está bem?

E piscando para Luísa, foi auxiliá-la com o banho das meninas. Durante o banho tudo era motivo para risos, até o momento em que Luísa, ao passar sabonete em Raquel, notou uma mancha muito estranha no ventre da menina, e olhando para

Lídia falou: — Mamãe, veja esta mancha em Raquel!

— E estranha; deve ser de nascença disse Lídia.

E virando-se para Raquel, perguntou:

— Você sempre teve esta mancha, querida?

— Ela já foi maior atalhou Marta, explicando.

— É verdade; eu sempre tive esta mancha, mas ela já foi bem mais grande! Disse Raquel, sorrindo.

— Bem maior, você quer dizer corrigiu Luísa.

E todas riram do que Raquel tinha falado. Após o banho, Luísa sentou-se com Raquel e Marta para fazer um lanche, enquanto Lídia ficou na sala conversando com João.

— Então João? Pergunta ela. Como você está se sentindo, com estas duas perolzinhas em casa?

Ele, escancarando um sorriso enorme, respondeu:

— Quanta alegria se experimenta na adoção, não é dona Lídia? Este final de semana com as crianças será para mim apenas uma formalidade a ser cumprida. Vou conversar com Luísa, mas pelo que nós pudemos sentir, na segunda feira já entro com os papéis no fórum, para a guarda provisória, até sair a guarda definitiva.

— Você tem razão. Se as pessoas soubessem o bem que faz ao coração e à alma a adoção! É o tipo de atitude que beneficia a quem pratica, pois todos aprenderão com a criança que chega ao lar, trazendo alegria e amor. Os que recebem o órfão é que acabam por ganhar mais, pois vão exercitar realmente o amor ao próximo.

— É verdade, sou obrigado a concordar com a senhora, dona Lídia!

E da sala onde estavam, ouviam as gargalhadas gostosas que as três davam lá no quarto, alegrando aquela casa em psicofera de amor.

O fim de semana foi inesquecível como há muito tempo não viviam, com muita harmonia e paz.

Chegaram até a ir passear no Guarujá, tomando banho de mar na praia dos Astúrias.

Na segunda-feira, João entrava com os papéis no juizado de menores para efetivar a adoção. Eles teriam que devolver as crianças naquele dia, mas obtiveram uma permissão especial do juiz para a prorrogação do prazo de permanência das irmãs na casa deles.

Tudo correu bem para a adoção desejada; era início de ano e Luísa providenciaria logo um colégio para as meninas estudarem. Marta, que iria completar sete anos, já poderia entrar na primeira série e Raquel, com quatro anos, iria para o jardim da infância.

Nota do médium: No livro **Reencarnação no Brasil** o professor Hernani Guimarães Andrade narra alguns casos sugestivos de reencarnação, estudados por ele, em que a pessoa apresenta no seu corpo atual, marcas iguais às apresentadas pela sua personalidade anterior e também nos traz preciosas informações de que algumas pessoas têm no seu corpo marcas ou manchas geradas pelo tipo de morte que tiveram em sua última reencarnação.

CONHECENDO O CENTRO ESPÍRITA

João chegara mais cedo do trabalho aquele dia; beijou Luísa, brincou com as filhas e dirigiu-se à Lídia:

— Que tipo de reunião acontece hoje no Centro Espírita, dirigiu-se à Lídia?

— Hoje é dia de reunião pública, João; teremos palestra e passe!

— Então eu posso lhe acompanhar até lá?

— Claro, João, será um prazer! Completou Lídia, sem acreditar.

Luísa, que a tudo ouvia, interrompeu os dois, dizendo:

— E nós três, vamos ficar em casa? E prosseguiu: Eu também quero ir com as crianças, mamãe!

Lídia, sem acreditar, sorrindo, observou:

— Ótimo, então vamos todos; família que pratica a fé unida, permanece unida.

— Tudo bem, então vamos todos juntos. Sentenciou João.

— Lá nós temos o pessoal da evangelização infantil, que pode ficar com as meninas, enquanto assistimos à palestra. Explicou Lídia, feliz.

Eram 19:45hs quando Lídia, sorridente, entrava na frente orgulhosamente apresentava a sua família aos companheiros do centro espírita. Recebidos fraternalmente pelos trabalhadores da casa, João e Luísa sentiam-se à vontade.

Marta e Raquel foram levadas para outra dependência do centro espírita, onde receberiam orientações de cunho evangélico apropriado à idade delas. Lídia com os seus acomodaram-se na assistência e João perguntou:

— Qual o tema da palestra de hoje, dona Lídia?

— Não sei João; hoje, a palestra será realizada por um convidado. Então, o tema é livre e daqui a pouco saberemos.

— Respondeu ela.

Música suave ecoava no ambiente; Luísa sentia-se muito feliz; pensava nas filhas e não acreditava no que estava vivendo, e dizia para si mesma: "É hora de agradecer a Deus pelas coisas boas que estou vivendo; até meu casamento melhorou depois da adoção".

Lídia, por sua vez, jubilosa com a presença de sua família na casa espírita, orava em silêncio. João, de sua parte, observava a tudo e pensava em como sentia-se bem ali naquele lugar. Os três foram interrompidos em seus pensamentos, pela saudação afetuosa de Álvaro, que cumprimentava Lídia:

— Boa noite, Lídia! Que alegria! Trouxe a família?

- Boa noite, Álvaro! Respondeu ela sorridente.
- E as netinhas, como vão?
- Vão muito bem! Respondeu Luísa, apressadamente, antecipando-se à mãe.

Com um sorriso, Álvaro comentou:

- Pelo jeito, todos estão felizes, não é mesmo?
- Sim, todos estão contentes, graças a Deus! Disse Lídia, comovida.
- Sejam bem vindos a esta casa de caridade! Saudou Álvaro o casal.
- Obrigado! Agradeceu João com um sorriso.

Uma voz feminina conclamou a todos para a prece, alertando quanto ao início dos trabalhos. A tribuna era composta por quatro pessoas: o dirigente dos trabalhos, uma pessoa que fazia a prece inicial, o palestrante e mais um irmão que faria a prece final. O dirigente, então, tomando a palavra iniciou o exórdio, preparando a psicofera para as realizações da noite. Nosso companheiro iniciou explicando as tarefas da casa espírita. Parecia que fora combinado para que Luísa e João tomassem conhecimento de como funcionava o centro. O dirigente dizia:

- Nós estamos em um pronto socorro espiritual, onde são atendidos encarnados e desencarnados.

Devemos, ao adentrar a casa espírita, manter o recolhimento e o respeito necessários, pois aqui se encontram pessoas com os mais diferentes problemas, as mais diversas enfermidades; é como se nos encontrássemos em um hospital comum, com a diferença de que aqui se assiste às enfermidades da alma, que amanhã, se não cuidadas, podem tornar-se moléstias também do veículo carnal. Gostaríamos de explicar que estamos em uma Casa Espírita onde estudamos os postulados doutrinários codificados por Allan Kardec. A casa oferece as reuniões públicas onde acontecem as palestras sobre temas doutrinários e evangélicos. Queremos alertar que as palestras fazem parte do programa assistencial que esta casa oferece, portanto, assistir às palestras é fundamental para todos os presentes. Após as exposições será ministrado o passe. Explicamos: O passe é uma transfusão fluídica do médium passista para o assistido. Devemos ainda esclarecer que o médium passista é uma pessoa que possui esclarecimento doutrinário para a tarefa que desempenha.

Se você está vindo pela primeira vez a uma casa espírita, não se assuste ao entrar na câmara de passes e encontrar o ambiente à meia luz; isto acontece para facilitar a concentração das pessoas na hora do passe e evitar a queima de certas substâncias ectoplásmicas pela luz branca. Procurem, ao entrar na câmara de passes, manter o silêncio e seguir as orientações do dirigente dos trabalhos do passe. Ainda dentro da câmara, vocês receberão copinhos com água fluida.

- Esta água foi fluidificada pelos trabalhadores da casa que, antes de iniciar a tarefa do passe, oraram, pedindo à espiritualidade para derramar fluidos curadores na água, através da imposição de suas mãos sobre os copos. Sobre o passe, as explicações básicas seriam essas; todavia, ninguém precisa se assustar ao entrar na câmara de passe; orem e peça auxílio. A casa oferece também o estudo da Doutrina Espírita a quem deseje conhecer a codificação kardequiana, assim como, indicamos aos responsáveis pelas crianças e jovens a nossa evangelização infantil, onde, com linguagem apropriada à idade, serão abordados temas evangélicos doutrinários.

Luísa estava surpresa com o que ouvia; não imaginava que um centro espírita tivesse esta organização e mais ainda, esta preocupação com os jovens e com as crianças. Pensava ela: "Mamãe sempre quis me falar do centro e nunca lhe dei atenção, achando que era tudo superstição e credice sem nexos". João, por sua vez também mostrava sua perplexidade ante argumentos lógicos e racionais; estava gostando de observar que não existia ali nada de místico, nada de velas, imagens, roupas especiais; o que concluía era que havia muita clareza nas explicações dadas.

Os encarnados não percebiam, mas, durante o trabalho que se desenvolvia no plano físico, várias entidades assistiam aos presentes derramando fluidos benfazejos sobre todos. Algumas pessoas, com a mediunidade mais aflorada, sentiam uma sensação amorosa, como a receberem um suave carinho em seu campo mental, envolvendo-os em bem estar.

Parentes que já retornaram ao plano espiritual abraçavam com ternura alguns dos presentes, derramando lágrimas de júbilo e saudade; era um encontro de espíritos ligados pelo amor e com um mesmo objetivo em comum: a evolução de todos.

A palestra se iniciou e João e Luísa se deliciavam com a lição da noite; o expositor falou da origem da doutrina espírita, desde as mesas girantes, fazendo um quadro descritivo dos vários tipos de mediunidade, e de como se dá a comunicação dos espíritos com as pessoas.

Foi uma noite de muito proveito para Luísa e João que, surpreendidos, ouviram de Marta, a seguinte colocação, no retorno ao lar:

- Quando nós vamos voltar para a aula das crianças, vovó Lídia?

Com um sorriso, Lídia respondeu:

- Logo, querida, vamos conversar com o seu Álvaro para resolvermos sobre a matrícula; está bem?

Luísa que ouvia tudo, não conseguia esconder a sua felicidade diante de tudo que estava acontecendo.

Daquele dia em diante o casal e as crianças passaram a frequentar o Centro Espírita, junto com nossa irmã Lídia.

João começou a estudar a doutrina fazendo parte do grupo de estudos. Luísa assistia a todas as palestras, e passou a fazer o evangelho no lar junto com sua mãe. Marta e Raquel participavam da evangelização infantil.

Todos começaram a se beneficiar das luzes da doutrina consoladora.

DOIS ANOS DEPOIS

João e Luísa estavam vivendo um momento muito especial em suas vidas. A alegria pela presença das filhas lhes trouxe uma paz que não haviam experimentado desde o casamento. A tranquilidade que Luísa vivia naquele momento iria facilitar a sua tão desejada gravidez.

Durante o sono do corpo físico, o casal foi levado em desdobramento para um encontro com Abelardo.

Chegara o momento dos entendimentos para uma nova tentativa, em que Luísa, a Gerusa de outrora, receberia o antigo parceiro de desdita como filho do coração, para juntos aprenderem a amar e respeitar a vida. Ainda não era o momento de Augusto retornar; por isso, nessa gestação de provas, somente Abelardo iria vestir a roupa física outra vez.

Acompanhados e orientados pelos espíritos responsáveis pelo processo, os três concordaram com o projeto e se comprometeram a passar pela prova e, acima de tudo, elevarem-se com ela.

A reencarnação se dá no exato momento em que o espermatozoide fecunda o óvulo feminino; exatamente nesse instante, acontece a ligação do perispírito do espírito reencarnante com a primeira célula que irá formar o corpo físico.

Tudo é acompanhado por técnicos do mundo espiritual, responsáveis pelo sucesso do plano reencarnatório.

Amílcar, junto com Arlindo e outros, dirigiram-se ao lar de João e Luísa. Aquela noite era o momento mais favorável para a ligação de Abelardo ao corpo físico. A privacidade do casal foi respeitada no momento de intimidade em que o amor se sublima, na beleza do sexo entre dois seres que se amam e servem como instrumento divino para gerar um corpo, veículo de manifestação do princípio inteligente, que é o espírito, reflexo maior do amor de Deus. João, feliz com aquele momento de paz que o amor proporciona, despiu então a alma para Luísa, dizendo assim:

"Feliz é o homem
Que ama com a alma
Revela-se divino nesse amar
Morre o homem, nasce o menino
Renascendo sempre
Dentro do teu olhar
Se menino eu fosse sempre
Pois és tu que me fazes um petiz
Faria travessuras no teu colo
Peraltices em teu cabelo
Criança levada, eternamente feliz".

— Eu a amo declarou ele beijando-a apaixonadamente.

Ao ouvir esta declaração de amor, Luísa sorriu, e brincou com ele, dizendo:

— Eu não sabia que o meu marido era um poeta!

— Quem ama tem sempre um pouco de poeta dentro de si! Falou ele a sorrir.

Abraçados, adormeceram e, pelo processo de emancipação da alma, acompanharam o fato mais singular na vida de cada espírito, que tem na reencarnação sua alavanca de progresso. Pequeno grupo de espíritos acercou-se do corpo de Luísa que emocionada assistia a tudo. Abelardo encontrava-se em maca ao lado e, no instante em que o espermatozoide fecundou o óvulo, com aparelhos que nos falta entendimento técnico para definir, a ligação, através de tênue fio fluídico, do perispírito de Abelardo com a célula ovo, aconteceu.

O momento é delicado; Arlindo pede a todos que se unam em uma prece de paz, para que aquele momento sagrado seja envolvido nas melhores energias de amor. Com os olhos marejados pelas lágrimas, nosso amigo profere uma oração:

— Senhor da vida, agradecidos estamos por este instante sublime em que Vós nos permitis presenciar a vossa manifestação, através desta benção para o espírito, que é o momento do retomo à escola da carne.

Com um leve embargo na voz, prosseguiu:

— Estamos aqui jubilosos e agradecidos por não termos mais a necessidade de vos procurar, pois encontramos-nos cada vez mais nas manifestações das vossas leis, e a reencarnação é, sem dúvida alguma, o momento em que mais vos aproximais de nós outros, viajantes da eternidade. Permitti-nos, Senhor, continuar a sermos úteis na tarefa do bem, fortalecei-nos os propósitos redentores do amor e acima de tudo auxiliai-nos a perdoar sempre e sempre. Sabemos que não existe nesse universo ninguém desamparado pelo vosso amor. Da mesma forma que estamos aqui assistindo estes irmãos, em todos os quadrantes do planeta, onde acontece a bênção de uma gravidez, vossos mensageiros auxiliam a todos, seja no palácio ou na favela, indistintamente. Peregrinos da eternidade recebem a oportunidade de voltarem ao palco da vida; mesmo naquelas situações em que a concepção se dá de maneira indesejada, a vida vai se manifestar, pois é da vossa lei que se manifeste sempre, cabendo a nós, enquanto mães e pais, quando no corpo, decidirmos o que fazer nas provas redentoras. Abençoaí-nos e nos ajudai a prosseguir, dai-nos a Vossa paz hoje e sempre...

Assim Seja!

DOIS MESES DEPOIS ...

— Parabéns, você está grávida!

As palavras eram ditas pelo Dr. Armando, e Luísa sem poder se controlar caiu em pranto convulsivo.

Lídia, que a acompanhara até à consulta, também derramou as lágrimas, emocionada com a inesperada notícia.

— É verdade, doutor? Pergunta Luísa, sem acreditar.

— Sim, Luísa, é verdade! Por favor, agora você vai precisar de um acompanhamento, pois não podemos facilitar.

Faremos alguns exames e, a princípio, recomendo-lhe repouso; entendeu?

— Sim, sim, doutor, tudo bem! Respondeu ela, mal contendo a emoção.

Mãe e filha se abraçaram e despediram-se do Dr. Armando que, sabendo das dificuldades que Luísa enfrentara para engravidar, pediu a ela que retornasse na semana seguinte para os exames necessários. As duas saíram do consultório exultando de alegria e Luísa comentou:

— Mãe, Deus me pregou uma peça: primeiro me deu por adoção, Raquel e Marta. Agora, depois de dois anos que as meninas chegaram em nosso lar, sem nenhuma expectativa, acabo por engravidar. Por que isso?

— Filha, nada é por acaso. Qual será a ligação que todos nós temos, uns com os outros? Só carregamos uma certeza: segundo a doutrina que abraçamos, aqueles que vêm para nosso lar, caminhar lado a lado, são companheiros de outras vidas e a misericórdia divina nos dá a oportunidade de ampararmo-nos mutuamente.

— Mamãe, só quero ver a cara do João quando contarmos para ele!

— Vamos, filha, ele ficou em casa com as meninas e você sabe, quando ele fica com as duas podemos esperar por uma bagunça só!

Amílcar e Arlindo que acompanhavam a cena, comentavam entre si:

— Sabe, Arlindo, se nós soubéssemos de todos esses mecanismos que a justiça divina utiliza, quando estamos no corpo físico, talvez fôssemos mais conscientes das nossas responsabilidades.

— Ou talvez mais relapsos. Interrompeu Arlindo. E prosseguiu:

— Nós sabemos, mas quando estamos no mundo das formas, acabamos nos esquecendo de tudo, e deixamos que as sensações mais grosseiras tomem conta dos nossos sentidos. O amor de Deus é tão grande por nós que, da reencarnação, lei das leis, ninguém foge.

— É verdade! Viva a reencarnação! Vibrou Amílcar, com a sabedoria celestial.

Ao chegar em casa, Luísa chamou João ao quarto e lhe contou a novidade:

— Você vai ser papai!

— Eu já sou papai. Falou ele.

— Eu vou ser mamãe!

— Você já é mamãe. Rebateu ele.

— Estou grávida!

— Você está grávida! Exclamou ele, repetindo o que ela disse, sem se dar conta do que ela falava.

— ESTOU GRÁVIDA!!! Gritou ela dando gargalhadas.

— EU A AMO!!! gritou ele, começando a chorar, e correu para ela, dando-lhe um longo beijo.

Marta e Raquel que ouviam tudo da sala começaram a pular e a gritar junto com Lídia que pulava e chorava de alegria; foi uma festa muito grande que fizeram para comemorar. Lídia, então, pediu a todos que se unissem em oração, para agradecer a Deus por aquele momento de bênção em suas vidas. Todos se sentaram em redor da mesa e, com muita emoção, proferiram uma prece de agradecimento.”

GRAVIDEZ E DOR

A gravidez de Luísa não foi fácil; por três vezes ela quase teve um aborto espontâneo, um aborto eminente.

Durante toda sua gestação sofreu com cólicas terríveis; por diversas ocasiões ocorreram sangramentos que a levaram a ser internada no hospital, sem que pudessem entender e diagnosticar. Da mesma forma que as cólicas apareciam elas sumiam e o médico não conseguia compreender o que se passava, pois ela chegara a ficar muitas noites sem dormir, chegando até a gritar de tanta dor. Neste período seus pesadelos se intensificaram e ela acordava assustada com choros de crianças que lhe pediam para nascer.

Ao final desta gravidez complicada, nasceu um menino. Anselmo, ele foi chamado. Luísa, estranhamente, não o aceitou; criou um mecanismo de defesa inconsciente, que a psiquiatria atual dá o nome de "depressão pós-parto", ao que a doutrina espírita esclarece, pois existem causas mais profundas.

A reencarnação de Abelardo como Anselmo, fez com que Luísa sofresse muito; mesmo conscientemente não se lembrando de Abelardo, ela buscou se defender não o aceitando como filho.

Ela saiu da maternidade e não queria levar o filho para casa; todos sofriam com aquela situação.

João Carlos também foi rejeitado. Em vão procurou ajuda profissional e nada parecia resolver aquele drama.

Parecia que toda aquela felicidade caíra por terra de uma hora para outra.

Lídia procurou auxílio espiritual e foi aconselhada a ter paciência, pois, naquele drama, estavam os personagens do passado que se reencontravam para uma nova oportunidade de aprendizado e reajuste. Dessa forma o bebê ficaria na casa de parentes próximos que cuidariam dele enquanto perdurasse aquela situação. Ela então voltou para casa e iniciou tratamento no centro espírita, onde recebeu orientação e terapia evangélica para poder se reequilibrar.

A situação era difícil, pois ela deixou de cuidar até de Marta e Raquel. Todos tinham muita paciência e aos poucos ela foi se reaproximando das meninas. João sofria muito com aquilo tudo, mas revelou-se uma pessoa de muita compreensão e assistia ao pequeno Anselmo e ao lar.

Lídia desdobrou-se em cuidados com todos e redobrou a vigilância no aspecto espiritual, não abandonando a prece sincera, e com muita fé, apelando para os maiores da espiritualidade, aguardava em Deus a assistência precisa e não abandonava suas tarefas na seara espírita. Após um ano e meio de lutas e sofrimentos, Luísa pediu para ver o menino, no que foi atendida prestamente por João, que não via a hora de acabar com aquela situação.

Aos poucos as coisas foram se normalizando e a paz foi retomando àquele lar.

Ela já cuidava das crianças com carinho e atenção. Marta demonstrava muito afeto a Luísa, enquanto Raquel, apresentando uma diminuição muito significativa nas lembranças que trazia de outras vidas, continuava, por vezes, arredia com Luísa.

A VOLTA DE AUGUSTO

Faltava ainda o retorno de um personagem ao campo de luta da esfera física. Os espíritos amigos providenciaram o encontro de Luísa e João com Augusto e chegou o momento do acerto decisivo para todos os envolvidos nesse drama secular.

Luísa e João, após o sono no corpo físico, foram levados até o hospital espiritual, onde Augusto se encontrava em tratamento; entraram no quarto acompanhados por Amílcar e Arlindo, e puderam observar que ele se encontrava dormindo. Arlindo então explicou:

— Nosso companheiro se encontra recebendo a bênção da sonoterapia e só irá despertar quando estiver investido do novo corpo físico.

A reencarnação seria providenciada, dessa vez, sem se ouvir a opinião de Augusto. Ele ainda não tinha compreensão para aceitar o remédio amargo, mas necessário, que era a reencarnação. Poderia parecer uma violação ao livre arbítrio deste companheiro, mas quando não nos encontramos em condições de decidir. Deus, que é quem mais nos ama, acaba decidindo por nós, que somos, na verdade, pequenas crianças em desenvolvimento espiritual.

Todo o planejamento foi feito; Luísa teria nova gravidez complicada e sofrida. Aprenderia na própria pele as dores que as mulheres sentiam, para valorizar a maternidade.

Sentiria, como na primeira gestação, as cólicas, as dores nas costas, a ameaça de aborto involuntário; sofreria dilatação, como se fosse um aborto inevitável, mas os recursos educativos implementados pela misericórdia do Altíssimo apenas lhe trariam aprendizado, e a gestação chegaria a bom termo.

Com o semblante sereno, Arlindo prosseguiu:

— O perispírito de nosso irmão Augusto vai ser ligado à célula ovo, da forma como ele está; assim, ele vai passar do tratamento sonoterápico para o estado de perturbação que o espírito experimenta quando do retorno ao corpo físico.

À medida que as células forem se multiplicando, durante toda a gestação, o perispírito de Augusto vai sendo conectado ao corpo físico, as lembranças dele irão se apagando gradativamente até que ele possa despertar em seu novo corpo, quando do nascimento, capaz de recomeçar o aprendizado de amar e perdoar Luísa, antiga cúmplice de crimes, e a respeitar as mulheres que de forma invigilante ajudaram na prática do aborto delituoso.

Nesse instante, entidade de semblante lúcido e amoroso entrou no quarto e Arlindo o apresentou:

— Este é nosso irmão Dario; ele acompanha Augusto há muito tempo e é o espírito responsável pela orientação e proteção do reencarnante.

Saudando a todos, Dario esclareceu:

— Acompanho Augusto há algumas encarnações e venho sofrendo com ele nas desditas que meu tutelado tem buscado para si, nas escolhas infelizes em que ele se compraz!

E parecendo buscar mais informações em sua memória, continuou:

— Deus não desampara nenhum de seus filhos; ninguém está órfão do amor celestial; nós é que, ao mergulharmos na matéria física, nos fazemos surdos às sugestões do bem. Mas todos recebem de seus espíritos protetores intuições e conselhos, das mais diversas maneiras; é um pensamento de paz que nos visita, é um parente ou um amigo, com o conselho oportuno, até mesmo uma mensagem que se recebe ao transitar nas ruas do planeta, enfim, as orientações nos chegam, e nós não conseguimos discernir.

Dario irradiava muita sabedoria e humildade em suas palavras e com um gesto carinhoso, colocando a destra sobre os cabelos desgrenhados de Augusto, observou:

— Acompanharei os passos do nosso irmão em todos os instantes da sua vida na Terra; se ele chorar, chorarei com ele, se ele sorrir, sorrerei com ele, mas não posso colocar em minhas costas o peso dos seus erros, nem evitar que a mestra dor o ensine a caminhar. Simplesmente o aconselharei com todo o meu amor e carinho.

Era mais uma manifestação de Deus, com todo Seu amor, num quadro que demonstrava a presença divina na vida de cada ser; mais do que isso, era o próprio Deus se manifestando no amor de um espírito abnegado, que era Dario, para um espírito ainda preso às paixões e ao desajuste. O amor de Dario por Augusto é difícil de se compreender, pois nos falta sensibilidade para explicar sua sublimação.

Na questão 489 de **O Livro dos Espíritos**, Kardec pergunta:

P— Há espíritos que se ligam a um indivíduo em particular, para o proteger?

R — Sim, o irmão espiritual; é o que chamais o bom Espírito ou o bom gênio.

Depois dessas lições e de tudo acertado, Luísa aceitou o desafio de receber Augusto; sabia que não haveria paz em sua caminhada, sem que pudesse quitar as dívidas que carregava em sua própria consciência, de espírito eterno a caminho da redenção. João Carlos, de bom grado, concordou com o exposto, e dessa forma os dois foram conduzidos outra vez ao corpo físico, e ao despertarem, talvez, pudessem guardar resquícios dos fatos acontecidos.”

A LEI DE AÇÃO E REAÇÃO

— Você está grávida declarou Dr. Armando.

— De novo! A voz saiu em coro da boca de Luísa e João.

— De novo esclareceu o médico. E prosseguiu: Luísa o seu problema de não ficar grávida não existe mais; eu preveni vocês dois quanto ao risco de uma nova gravidez. Não foi?

— Foi sim responderam outra vez em coro.

— E então o que vocês queriam? Indagou sorrindo. Parabéns ao papai e à mamãe!

Os dois se olhavam sem acreditar, mas, concordaram com a situação e iriam se preparar para as dificuldades que Luísa apresentava em sua gravidez. Foram para casa e deram a notícia a todos. Até o pequeno Anselmo bateu palmas para a boa nova. Lídia sorriu e disse que tivessem fé, pois Deus não os deixaria sem forças para vencer, e se Luísa estava grávida era porque mais alguém deveria chegar também para aprender.

Os meses passaram com muita dificuldade. Luísa sofria demais, com cólicas inexplicáveis; dores que arrancavam gritos. O médico fazia exames utilizando toda a tecnologia disponível e não conseguia detectar nada; somente as preces e passes magnéticos traziam um certo bem estar a Luísa.

Com três meses ela quase abortou; com cinco meses, nova ameaça de aborto; aos sete meses, outra crise, causando pânico e desespero, acompanhada de uma hemorragia incontrolável. Os pesadelos continuavam e dessa vez havia um homem que corria atrás dela clamando por vingança.

Assim transcorreu a gestação de Luísa para receber Augusto, que também sofria o impacto emocional daquele quadro. Marta e Raquel procuravam auxiliar a mãezinha do coração, ajudando a vovó e orando todas as preces que aprendiam na evangelização infantil do centro espírita. Anselmo era só brincadeira e por vezes distraía a mamãe com suas graças e peraltices. João estava aflito e preocupado; não via a hora da criança nascer, para Luísa ficar aliviada.

Aquele quadro de dor se refletia em toda a família.

Quando acabara de completar os oito meses, em uma madrugada, Luísa acordou de um pesadelo e percebendo ligeiro sangramento, despertou o marido:

— João, acorde por favor; estou com cólicas e sangrando.

— Tem certeza? Perguntou ele sonolento.

— Claro que sim, João; vamos ao hospital, anda logo!

Com dores terríveis, Luísa foi levada para o hospital. O médico foi chamado em emergência, o qual correu para atendê-la. Arlindo e alguns enfermeiros do plano espiritual acompanhavam aquele momento. Arlindo orientava os demais:

— É chegado o momento de nosso irmão nascer na carne. Movimentemos nossos esforços para o sucesso do nascimento.

Luísa fora internada às quatro horas da manhã, com contorções e dores lancinantes.

A dilatação acontecia de forma estranha. Em momentos ela realmente ocorria; quando o médico voltava a fazer o exame, constatava que o quadro retroagia de forma inexplicável. Conversou com João Carlos e decidiram então partir para a cirurgia cesariana.

Sem que Dr. Armando registrasse, era auxiliado pela equipe de espíritos que ministravam assistência fluídica-magnética para o sucesso do parto.

A cirurgia começou e depois de alguns minutos de expectativa, um choro, um canto de vida ecoou, vibrando nos corações de todos o presentes; nascia uma menina.

Augusto aprenderia em um corpo feminino a respeitar a maternidade, a aprender, ao lado de Gerusa, Abelardo, Helena e Eugênia, a valorizar a vida. Todos juntos aprenderiam a amar e a entender que, sejam quais forem as nossas ações, receberemos mais cedo ou mais tarde as reações correspondentes. Estariam, pela misericórdia de Deus, todos juntos, caminhando lado a lado, "**Aprendendo a Amar**".

FIM